

4

O escravo vestindo: entre rendas e andrajos

A impressão imediata da cidade foi menos estranha do que eu havia esperado. Gente preta, não era mais surpresa para mim e suas roupas, uma camisa suja e grosseira com calças semelhantes às nossas, ou uma saia do mesmo tecido para as mulheres, eram em tudo européias. Somente a falta de chapéu e os pés descalços me poderiam ter causado espécie, se não estivesse acostumado a tal, conhecedor que era dos hábitos do povo comum ao sul da Espanha.¹

Ainda que esta breve descrição do viajante naturalista prussiano Hermann Burmeister do início da década de 1850 apresente uma caracterização sintética e generalizante, suas afirmações destoam de concepções estéticas e culturais sobre a aparência dos escravos que predominam nos relatos de viajantes do período.

Assim como ocorre com outros viajantes, devemos ter em conta que a percepção de Burmeister era a de um estrangeiro de passagem pelo país, e que suas observações, enquanto “representação do outro”, estariam permeadas de referências afetivo-cognitivas. Mesmo que suas ponderações estejam ancoradas em vivências anteriores – como a sua não estranheza com *gente preta* e *a falta de chapéu e os pés descalços* -, o trecho ganha relevância na medida em que a semelhança, o habitual, e o comum, registrados pelo viajante distinguem-se do exotismo estético e cultural que prepondera na literatura de viagem do século XIX: cocheiros de libré, vendedoras com turbantes brancos e chalés coloridos, lavadeiras e carregadores seminus.

Sem ater-me em averiguações mais detalhadas do trecho de Hermann Burmeister, meu objetivo é apontar indícios da existência de formas de vestir em uma dimensão mais ampla do que tipificações sociais e culturais construídas sobre o vestuário escravo, além das *rendas e dos andrajos*, expressão usada pelo viajante Charles Ribeyrolles que bem sintetiza a caracterização limitada e antinômica

¹ BURMEISTER, Hermann, op. cit., p.58.

propiciadora da criação de clichês e estigmas acerca da aparência dos escravos do Rio de Janeiro.²

É com esta perspectiva, para além da generalizante antinomia entre a descrição etnográfica – enfatizando as amplas saias e blusas rendadas acompanhadas dos panos da costa coloridos e turbantes de musselina das mulheres - e a funcional e utilitária – das precárias roupas com a função elementar de cobertura corporal com o uso associado ao trabalho -, que me proponho neste capítulo investigar dados que ampliem o conhecimento de hábitos e práticas de vestuário da população cativa do Rio.

A condição social e econômica seria um fator determinante na quantidade, formas e materiais de itens de vestuário que comporiam a aparência dos escravos, o que não significa, porém, a inexistência de variações e nuances, tendo em vista a vida escrava no Rio de Janeiro do século XIX. Conforme visto no primeiro capítulo, as dinâmicas sociais e culturais da existência cativa no Rio oitocentista acarretavam um universo amplo de situações e possibilidades oferecidas à população cativa, vivenciadas em variadas formas de atuação no contexto da escravidão. Além da diversidade étnico-cultural da população cativa e da pluralidade de atividades e funções de trabalho escravo na cidade, outros fatores influenciariam, de forma mais ou menos evidente, nas formas de vestir de homens e mulheres submetidos à escravidão. Nesse sentido, há de se considerar a existência generalizada da escravidão com a posse de escravos espalhada pelas diferentes classes econômicas.³

Não pretendo inferir a existência de uma relação direta e inequívoca entre diferenças econômicas e sociais de proprietários e a aparência dos escravos. Seria uma afirmação simplista e generalizante, porém não há como não considerar que diferentes ambientes e situações proporcionariam acesso diferenciado de escravos a

2 Conforme já citado no primeiro capítulo, Ribeyrolles representa sua impressão visual da população escrava do Rio de Janeiro da seguinte forma: “Gostais da África? Ide, pela manhã, ao mercado próximo do porto. Lá está ela, sentada, acocorada, ondulosa e tagarela, com o seu turbante de casimira, ou vestida de trapos, arrastando as rendas ou os andrajos. É uma curiosa e estranha galeria, onde a graça e o grotesco se misturam”. Ver RIBEYROLLES, Charles, op. cit., p. 203.

3 Luis Carlos Soares em seu trabalho sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro no século XIX mostra que nas décadas de 1850 e 1860 a escravidão doméstica apresentava o seguinte perfil: as famílias mais ricas possuíam uma média de 12 escravos; as de classe média, 5 a 7, de classe mais baixa, 2 ou 3, e as famílias mais pobres 1 ou 2. SOARES, Luiz Carlos, op. cit., 1988, p.149-165.; Ver também SOARES, Luiz Carlos, op. cit., 2007, p. 68-103.

práticas e hábitos individuais e coletivos com seus aspectos materiais e simbólicos. Isto se daria tanto no microcosmo do ambiente doméstico, quanto no macrocosmo das socializações e interações estabelecidas no cotidiano, com as diferentes atividades que faziam parte da vida dos cativos na cidade. Os escravos ocupavam inúmeras funções e realizavam diferentes tarefas, inseridos em diferentes contextos socioeconômicos, no interior de residências ou desempenhando funções externas circulando cotidianamente pelas ruas da cidade.

Neste ponto volto ao registro imagético *Um funcionário do Governo a passeio com sua família*, de Debret, Il.2, destacando para a presente reflexão as diferenças na forma, na quantidade, e na qualidade de roupas e acessórios, existente entre escravos inseridos em um mesmo ambiente de convivência. Não se trata aqui de apontar a demarcação de distinções individuais e coletivas no conjunto da população escrava, mas evidenciar o uso diferenciado de itens de vestuário de escravos inseridos em um mesmo ambiente de convivência.

Na imagem em questão, no conjunto de preceitos que fariam parte da imagem pública de uma família social e economicamente privilegiada, estaria a exibição de sua posição através da posse de escravaria doméstica devidamente paramentada de acordo com os cânones estéticos adotados pela “boa sociedade”.⁴ No caso, observável no vestuário das escravas representadas na imagem, mucama e ama-de-leite, e na semelhança visual de vestidos, acessórios e penteados da senhora e da mucama que a segue na fila.

4 O vestuário, assim como outras práticas e comportamentos acompanharam as transformações que a cidade e seus habitantes passaram a experimentar a partir de 1808, com a chegada da Corte. Um processo que, em pouco tempo, estabeleceu mudanças expressivas que transformaram a cidade, perdendo o aspecto colonial que ainda mantinha, com uma série de alterações de seu espaço físico e de costumes de seus habitantes. A abertura dos portos estimulou o surgimento do comércio de produtos estrangeiros, e a cidade foi invadida por uma profusão de mercadorias importadas, entre os quais aqueles ligados à moda, através de formas e materiais - tecidos, trajes, e acessórios - europeus, notadamente franceses e ingleses. Membros da “boa sociedade” passaram a adotar formas de comportamento, práticas e estilos europeus, entre as quais estavam as formas de vestir. A adoção de idéias, concepções e valores europeus fizeram com que a roupa passasse a demarcar, de forma mais determinante, espaços sociais e estilos de vida, configurando-se como um elemento essencial para definição social. Para ampliar a compreensão de como a “boa sociedade” do Rio de Janeiro oitocentista se relacionava com a roupa e a moda, ver RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. Sobre os artigos importados relacionados ao vestuário que eram oferecidos no comércio local ver RENAULT, Delso, op. cit.

Ao cotejarmos esta imagem com outra representação imagética de Debret, *Escravas negras de diferentes nações*, Il.11, temos uma ampliação focal da adoção de valores estéticos europeus no vestuário de mulheres negras. Enquanto na imagem do passeio familiar as roupas dos escravos representados estão vinculadas ao contexto familiar senhorial, as anônimas dezesseis escravas negras registradas por Debret representam um resumo de variações de formas de vestir femininas visualmente detectadas pelo autor no conjunto na população escrava da cidade, sem uma vinculação, explícita ou implícita, à subordinação senhorial.

Sobre oportunidades diferenciadas de acesso a itens de vestuário, tanto na qualidade quanto na quantidade de peças de roupa e acessórios, conforme Jaime Pinsky,

(...) os escravos domésticos, escolhidos dentre os que eram considerados mais bonitos (dentro dos padrões estéticos dos proprietários brancos), recebiam roupas sempre limpas, inteiras e às vezes até luxuosas, como era o caso de certas mucamas. Na cidade já não era possível deixar o escravo seminu. Mesmo assim, parece que os proprietários, por economia, tentavam fazer isso, razão pela qual é frequente observarmos ampla legislação reprimindo aquilo que era considerado abusivo e atentatório à moral e aos bons costumes. O escravo seminu podia dar multa ao patrão.⁵

Sobre medidas legislativas vigentes para coibir a seminudez nas ruas da cidade, em minhas pesquisas com fontes legislativas destaco o seguinte trecho:

Sobre vozeria nas ruas, injurias e obscenidades contra a moral pública.

§5º Fica inteiramente vedado a qualquer pessoa lavar-se de dia nas praias povoadas, rios, ou em qualquer lugar público, excepto quando a pessoa que se lavar estiver vestida de maneira que não offenda a moral pública. O infractor será posto em custódia à ordem do fiscal até o pagamento de multa de 6\$000, e, não tendo com que pagar, soffrerá dous dias de cadêa..

§6º Nenhuma pessoa, de qualquer estado, condição ou sexo (inclusive as pessoas encarregadas da condução de generos), poderá transitar pelas ruas deste municipio senão com vestes decentes, isto é, não deixando patente qualquer parte do corpo que offenda a honestidade e moral pública. O contraventor, além da multa de 10\$000, soffrerá quatro dias de prisão, e o duplo na reincidência, tanto a respeito da multa, como do tempo de prisão: sendo escravo, estará oito dias no calabouço.⁶

5 PINSKY, Jaime, op. cit., p. 38.

6 **Código de Posturas, Leis, Decretos, Editas e Resoluções da Intendência Municipal do Districto Federal** – Compilação feita por ordem da Prefeitura da repartição do Archivo Geral, Prefeito Dr. Henrique Valladares, Director Archivista Mello Moraes Filho, Rio e Janeiro, Papelaria e Typographia Mont'Alverne. (Período 1838/1893). BNRJ : Obras Gerais – VI, 415,2,26 e Obras Raras – 76,2,31.

As medidas legislativas promulgadas no século XVIII que previam proibições ao uso de roupas e adereços considerados de luxo, privilégio apenas das camadas ricas da sociedade, e que impunham restrições ao que era considerado luxo excessivo nos hábitos e formas de vestuário de escravas e libertas, não exerciam mais interferências no século XIX.⁷ Portanto, não haveriam impedimentos de ordem legal para mucamas e amas-de-leite, favorecidas pela proximidade e convívio com seus senhores, usarem roupas e acessórios que as diferenciariam de outros segmentos da população escrava feminina.

Outra questão a ser considerada para avaliar possibilidades de acesso dos escravos a itens de vestuário é a escravidão *de ganho*. Em relação às roupas seriam ampliadas as oportunidades de acesso material e simbólico a formas e hábitos de vestir, que não aconteceria de modo igualitário entre os escravos. Não é exagero afirmar que a aquisição de itens de vestuário poderia estar relacionada às possibilidades dos escravos conseguirem ganhos extras no exercício da escravidão *de ganho*, de acordo com a atividade, mais ou menos rentável.

Nesse sentido não poderia ser mais oportuna a citação de Rugendas que, no início da década de 1820, registrou a aquisição de itens pessoais de vestuário por escravos:

Os escravos das grandes cidades, em sua maioria, são obrigados a pagar semanalmente, às vezes diariamente, determinada importância a seus senhores, importância que procuram ganhar pela prática de qualquer profissão; são marceneiros, seleiros, alfaiates, marinheiros, carregadores, etc. Assim, conseguem eles ganhar facilmente mais do que lhes exige o senhor e, com um pouco de economia, em nove ou dez anos adquirem sem dificuldade sua liberdade. Se isso não acontece, tão amiudamente quanto seria de imaginar, é porque os negros têm predisposição para a prodigalidade, principalmente em matéria de roupas, de tecidos de cores vivas e de fitas. Dissipam, com isso, quase tudo o que ganham.⁸

Secção Segunda – Polícia, TÍTULO IV. Em SOARES, Luiz Carlos, op. cit., 2007, 215-222 são apresentadas ações preventivas do Estado através das posturas municipais na expectativa de controle da população escrava do Rio de Janeiro no século XIX. De acordo com o autor a eficácia destas ações “variou muito no decorrer do século XIX e dependeu de certos fatores” (p.215).

7 Sobre as determinações legais que regulamentaram no século XVIII os tipos de vestuário que cada grupo social poderia usar, ou não, ver LARA, Silvia Hunold, op. cit., 2007, p. 79-125 e LARA, Silvia Hunold. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador (século XVIII). In. SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). **Brasil – colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p.177-191.

8 RUGENDAS, Johann Moritz, op. cit., p. 269.

Interessante observar que o viajante critica tal comportamento, por ele apontado como um ato de esbanjamento desmedido. Para Rugendas, era inadequado, portanto, um escravo fazer uso de seus ganhos com roupas e acessórios para ornamento pessoal por gosto. O viajante ainda aponta, mesmo que de forma sucinta, preferências estéticas – *tecidos de cores vivas e fitas* – dos escravos na escolha de itens de vestuário. Nesse breve trecho Rugendas dá pistas para apreensão de formas de vestir levando-se em conta manipulações pessoais dos cativos nas roupas e acessórios usados, com possíveis traços de princípios estéticos na ornamentação do corpo.

A escravidão *de ganho*, conforme afirma Rugendas é um dos aspectos mais significativos no que se refere às peculiaridades da existência escrava no espaço urbano, entretanto ela se insere em um contexto mais amplo quando consideradas as possibilidades de formas alternativas de comportamento e organização dos escravos além daquelas impostas de acordo com as vontades de senhores ou estabelecidas pelas políticas de ordem e controle, características da escravidão.

De acordo com esta dimensão de entendimento me aproprio das palavras de Sidney Chalhoub sobre as últimas décadas da escravidão no Rio de Janeiro: “não consigo imaginar escravos que não produzam valores próprios, ou que pensem ou ajam segundo significados que lhes são inteiramente impostos”.⁹ Inconcebível admitir que o escravo subsistisse totalmente despojado de personalidade e vontade própria, o escravo poderia aceitar ou recusar as regras da escravidão. Apesar da ocorrência de algumas recusas e reações extremas que resultavam em castigos, fugas ou mortes, existiriam infinitas possibilidades de negociação. A depender da oportunidade e das circunstâncias, os escravos rompiam a sujeição e a dominação cotidiana por meios de atos de desobediência, invenções, recriações e adaptações buscando espaços e tempos de autonomia e liberdade individual e coletiva.

A contestação da inexistência nos escravos da capacidade e iniciativa de reagir aos mecanismos da escravidão que reprimiam e controlavam suas vidas tem pautado investigações de autores tendo como objeto de análise a vida dos escravos.

9 CHALHOUB, Sidney, op. cit., 1990, p. 38.

Kátia Queirós Mattoso, em seu trabalho *Ser escravo no Brasil*, ao questionar a inexistência nos escravos da capacidade de adaptação, inerente ao homem, em diferentes graus e diferentes níveis, pondera que

se a questão é colocada no plano psicológico, parece inegável que própria sobrevivência do homem preto depende absolutamente de sua “repersonalização”, de uma certa aceitação de sua posição no corpo social; [...]. É aparentemente inimaginável que seres humanos possam subsistir sem maior ou menor adaptação entre eles.¹⁰

Nesse sentido, estudos sobre escravidão no Brasil têm ampliado a compreensão da existência cativa com o resgate de aspectos da vivência e experiência da cotidianidade dos cativos frente às condições impostas pelo cativo. Abordagens e interpretações acerca do comportamento dos cativos mostram que estes não corresponderam aos papéis sociais que, durante longo tempo, lhes foram atribuídos pela historiografia, identificados em um modelo rígido de comportamento resumido a dois extremos, o da rebeldia e o da submissão. Eduardo Silva e João José Reis, ao analisarem características da resistência dos escravos no sistema escravocrata apontam para esta discussão afirmando que,

os escravos não foram vítimas nem heróis o tempo todo, se situando na sua maioria e na maior parte do tempo numa zona de indefinição entre um e outro pólo. O escravo aparentemente acomodado e até submisso de um dia podia tornar-se o rebelde do dia seguinte, a depender da oportunidade e das circunstâncias.¹¹

O cotidiano dos escravos excederia ao comportamento limitado e antinômico de conformismo e resistência, de coisificação e rebeldia, existindo um espaço, “entre Zumbi e Pai João”,¹² onde eram desenvolvidas ações e práticas na busca de existência social para além de sua caracterização como mão-de-obra servil sem vontade própria. Portanto, o cotidiano dos escravos envolveria assimilações, manipulações e trocas culturais, entre as quais, o valor de uso da roupa seria mais do que apenas mercadoria

10 MATTOSO, Kátia Queirós, op. cit., p. 102.

11 REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 7.

12 Id. *ibid.*, p.13.

- bem de consumo -. A roupa seria uma das formas possíveis de manifestação material individual e coletiva de homens e mulheres submetidos à escravidão.

No intuito de substanciar reflexões ora apresentadas, cabe retomar do capítulo anterior as formulações de Sidney Chalhoub sobre a participação do vestuário na reestruturação da personalidade cativa.¹³ Em *Visões da Liberdade*, ao resgatar “alguns aspectos da experiência dos escravos da Corte, de seus modos de pensar o mundo e atuar sobre ele”,¹⁴ o autor identifica “pressões dos escravos para que suas vidas se tornassem indiferenciáveis em relação às vidas dos homens livres pobres da cidade”. Segundo Chalhoub “é neste contexto que as roupas e os sapatos se tornam relevantes – e não tanto como um efeito da crescente ‘humanidade’ dos senhores nas últimas décadas da escravidão.”¹⁵

Em suas avaliações, significativas mesmo que breves, acerca da participação da roupa na reestruturação da personalidade cativa, Sidney Chalhoub remete-se ao trabalho de Perdigão Malheiros de 1866, no qual este autor sustenta que “nas cidades já se encontram escravos tão bem vestidos e calçados, que, ao vê-los ninguém dirá que o são”.¹⁶ A este respeito Chalhoub afirma que

isto não parece excluir a possibilidade de que houvesse escravos que andassem mal vestidos e mal calçados. Neste caso, estar ou não de sapatos já não é tão importante quanto à qualidade dos sapatos que se têm. E isto tudo sem sequer mencionar que certamente havia libertos que andavam descalços e mal vestidos... Em sua, e antes que reine a confusão: é “pouco provável que na Corte, pelo menos nas últimas décadas da escravidão, fosse possível descobrir a condição de um negro olhando para o que trazia ou deixava de trazer nos pés.”¹⁷

Ainda que Chalhoub restrinja o vestuário como traço distintivo de diferenciação social da população negra associando seu significado à polarização sintética de escravos *mal vestidos* e libertos *bem vestidos*, suas observações indicam que por mais que a roupa atuasse como elemento visual que permitisse inferir se um indivíduo negro era escravo ou não, a manipulação de itens de vestuário poderia

13 Ver capítulo 2, *O escravo vestido: representações das formas de vestir da escravidão*.

14 CHALHOUB, Sidney, op. cit., 1990, p.251.

15 Id. *ibid.*, p.216.

16 Apud CHALHOUB, Sidney, 1990, p. 212.

17 Id. *ibid.*, p. 214.

visualmente separar, aproximar ou confundir condições sociais. Em uma sociedade formada por livres, libertos e escravos a aparência e, nela, o modo de vestir, e calçar, assumem uma dimensão significativa, remetendo a distinções e indistinções sociais individuais e coletivas.

Se as condições sociais e econômicas já impunham um elenco de bens materiais que identificavam e ao mesmo tempo rotulavam indivíduos e grupos, em contrapartida às limitações existentes que ditavam a visualidade da população escrava, os escravos buscavam recursos alternativos que lhes possibilitassem interferir na própria visualidade, buscando formas próprias de se apresentar e se manifestar, individual e coletivamente. Fatos e circunstâncias da existência cativa que influenciariam formas de vestir dos escravos são apontados por autores como Luis Carlos Soares,

registros policiais também sugerem que ocorriam muitos furtos de roupas por escravos, que algumas vezes atacavam lavadeiras ou meninas escravas carregando em suas cabeças trouxas ou cestos de roupas. Muitas vezes quando escravos roubavam casas também tentavam se apropriar de roupas para seu próprio uso,¹⁸

e Kátia de Queiros Mattoso,

outros amigos dos escravos são os alfaiates e costureiras, livres ou forros. Por ordem dos senhores eles cortam e cosem calças, camisas brancas, jaquetas para os homens, saias, blusas, lenços de cabeça para as mulheres que, em geral, escolhem pessoalmente a estamparia de suas peças de algodão.¹⁹

Mesmo afirmado que a confecção de roupas para os escravos era feita *por ordem dos senhores*, a autora também aponta a participação do escravo neste processo, no caso com a escolha pelas mulheres da estamparia dos tecidos para suas roupas. Tais exemplos são pistas recolhidas das várias formas que existiriam dos escravos tratarem de sua aparência pessoal através do vestuário, de como praticavam o vestir.

Para uma apreensão mais apropriada de hábitos e formas de vestir dos escravos seria impróprio considerar nítidos e definidos os fatores materiais e

18 SOARES, Luis Carlos, op. cit., p. 135.

19 MATTOSO, Kátia de Queirós, op. cit., p. 139.

simbólicos atuantes no ato de vestir-se. Tendo em conta esta questão, por mais restritivas que fossem as condições de comportamento no dia-a-dia do cativo, por mais restritas as possibilidades de acesso a modelos, cores e materiais de roupas e acessórios, que limitariam escolhas de acordo com o seu gosto ou necessidade, os escravos encontrariam formas de manipular elementos de vestuário disponíveis, se manifestando individual e coletivamente em busca da recuperação ou da construção de autonomia. Há de se considerar, portanto, que as formas de vestir dos escravos ultrapassariam a tipificação antinômica e limitante que tem sido, de uma forma geral, atribuída ao vestuário pela historiografia, existindo um universo mais amplo, *entre rendas e andrajos, entre Zumbi e Pai João*.

4.1

Se vestir para sumir no mundo, se vestir para existir no mundo

A fuga era para o escravo uma possibilidade de romper com a dominação senhorial, a idéia de livrar-se do cativo permeava quase sempre o pensamento do escravizado. Poder viver em liberdade significava fazer, em tese, o que bem quisesse e entendesse de sua vida, apropriar-se do produto de seu trabalho, ter pleno direito de ir e vir. Segundo Mary Karash, havia muitas razões para as fugas tanto de crioulos como de africanos. Entre elas a autora destaca as tentativas, por parte do escravo, de escapar dos castigos cruéis, de resistência às quebras de determinados acordos e de separação de sua família, entre outras. Ainda de acordo com a autora é difícil contabilizar o número de fugas de escravos, mas “fontes da época revelam que a cidade e os morros próximos eram infestados de escravos fugidos. Anúncios nos jornais registram um número extraordinário de fugitivos, e estrangeiros constantemente comentam sobre o número excepcional de fugitivos na cidade.”²⁰

As fugas iam desde as pequenas escapadas - para divertimento, prática religiosa, visita a parentes ou encontros amorosos - à fuga definitiva, um caminho sem volta em que se buscava a construção de uma nova vida em liberdade, em quilombos ou misturando-se com a população negra dos pequenos ou grandes centros urbanos.

20 KARASCH, Mary, op. cit., 1987, p. 304.

João José Reis e Eduardo Silva distinguem a existência de dois tipos de fuga, a *fuga-reivindicatória* – aquela em que o escravo fugia na tentativa de conseguir de seu senhor melhores condições de vida e trabalho, retornando um tempo depois - e a *fuga-rompimento* - atitude extrema tomada pelo escravo com o objetivo premeditado de não mais retornar, na expectativa de alcançar a liberdade em vida.²¹ Porém, nem todos os escravos teriam a oportunidade e condições de fugir, mas quando isto acontecia, o ambiente da cidade proporcionava mais possibilidades de êxito, favorecendo o anonimato dos fugitivos.²²

Quando os mecanismos de controle de senhores não surtiam efeito, ocorrendo a fuga de seus escravos, a publicação nos jornais de anúncios era adotada como um dos recursos para a recuperação dos fugitivos. Os anúncios de fuga veiculavam descrições minuciosas visando fornecer o máximo possível de informações que facilitassem o encontro do escravo fugido. A partir da coleta de anúncios de fugas torna-se evidente que as fugas de escravos eram uma prática recorrente e a caça destes pelos seus senhores, intensa.

Os anúncios tinham como propósito tornar reconhecíveis os fugitivos, logo, o principal indicativo seriam marcas que os distinguiam em meio de tantos outros, facilitando assim sua captura por qualquer um. Entre os vários aspectos identificadores apresentados nos anúncios estão as roupas usadas e/ou levadas no ato da fuga, descritas de forma objetiva com detalhes sobre os tipos de peças, de tecidos, formas de uso e estado de conservação.

4.1.1 Sobre os anúncios de fuga

Anúncios, de uma forma geral, têm um caráter documental, retratando, através de informações de oferta e procura de produtos e serviços, entre outras, o universo de objetos e necessidades de um determinado grupo social em uma dada época, e a sua investigação permite apreender aspectos do contexto sociocultural em questão. Os vários e inúmeros dados veiculados nos anúncios publicados nos jornais que circulavam no Rio de Janeiro no século XIX dão conta de uma série de questões

21 REIS, João José; SILVA, Eduardo, op. cit., p. 62-78.

22 Sobre esta questão ver *Cenas da cidade negra* In: CHALHOUB, Sidney, op. cit., 1990, p 175-248.

sobre a vida na cidade. Em relação à população escrava, a escravidão emerge nesses anúncios como objeto de representação daqueles que tinham em suas mãos o poder de venda, aluguel, compra, ou captura de pessoas. Mais do que enunciados descritivos sobre o “outro”, através do *exotismo* e da *diferença* das representações textuais e imagéticas dos relatos de viagem e das fotografias, esses anúncios eram veiculados por proprietários de escravos, estes observados e descritos sob o olhar daquele que estava ao lado do poder instituído, e cujas falas sobre a existência cativa eram, dessa forma, autorizadas e legítimas.

Nessa dimensão enunciativa de dominação o escravo é descrito na condição de mercadoria, a ser vendida, alugada ou capturada/recuperada. Aquele que observava e descrevia tinha como intuito uma compreensão objetiva, para um efetivo lucro ou retorno de capital investido. Daí a existência de descrições, que dependendo do gênero do anúncio eram mais ou menos detalhadas, com a identificação do escravo através de sinais que deveriam caracterizá-lo e diferenciá-lo em uma imensa população anônima de negros. Dessa forma esses anúncios possibilitam a detecção de uma série de aspectos da existência cativa, com informações sobre características físicas, procedências étnicas, tipos de trabalho, seqüelas e doenças, roupas usadas, entre outros.

Ao dedicar atenção aos anúncios de fuga de escravos, pude verificar a sua contínua e numerosa publicação no decorrer do século XIX, indicativa de uma significativa parcela da realidade escravista no período, cuja abrangência se mostra bastante eficaz para o conhecimento de formas de vestir dos escravos apresentadas pela população fugitiva. Nos anúncios de fuga o escravo é apresentado através de um conjunto de atributos e aspectos eleitos como identificadores, de acordo com uma estrutura padronizada de redação informando: data e local da fuga, informações sobre o escravo - nome, origem, idade, cor da pele, ocupação, aspectos físicos de face e de corpo, marcas e cicatrizes, hábitos corporais e características físicas e roupa usada e/ou levada no momento da fuga – endereço para devolução do escravo e oferta de gratificação.

Com o propósito de descrever o máximo possível o escravo foragido possibilitando o seu reconhecimento, nos anúncios publicados as roupas e acessórios

de vestuário são descritos junto com outros dados identificadores, conforme o anúncio publicado no jornal *Diário do Rio de Janeiro* em dezembro de 1821:

Fugio no dia 15 do passado mez de Novembro um negro de Nação Cabinda, de idade de 20 a 22 annos, ainda sem ponta de barba, estatura ordinária e rosto redondo, olhos brancos, e alguma cousa manco de hum pé, por ter em hum dedo do mesmo huma pequena ferida pela parte de baixo, estava vestido de huma camizolla de lã, calça de algodão groço, e por dentro desta outra de ganga, e jaleco de cazemira preta, tudo já uzado, e levou com sigo hum barril próprio para agoa, roga-se a quem souber, ou apanhar o dito negro, queira dizer ou entrega-lo na rua Direita canto da rua das Viollas No.203, que se lhe pagará o seu trabalho, e a despeza que houver com o dito negro.²³

Conforme este anúncio é notável o grau de detalhes descritivos dos anúncios de fugas, com pormenores físicos - *tem no pé direito o tornozello sahido para fora e os dedos para dentro* -²⁴ e das roupas usadas - *paletó cor de café com golla de veludo, e chapéu de Chile, calçado; lenço de seda á bahiana e dois vestidos, sendo um de chita de cassa amarello e outro de chita roxa em morim, um cordão de ouro no pescoco e um colar de dito com coral* -.²⁵ Dessa forma, são inúmeros os anúncios de fuga que foram publicados no decorrer do século XIX que descrevem com detalhes as roupas e acessórios usados, ou até mesmo levados pelo escravo no momento da fuga, com a apresentação de formas, tecidos e cores das peças, assim como pelas combinações, estado de conservação e uso.

Os anúncios de fuga são textos descritivos sobre os escravos construídos pelos seus senhores, nos quais homens e mulheres são retratados através da apresentação de dados caracterizadores. Sobre o uso dos anúncios de fuga como fonte documental na expectativa de ampliar a compreensão de como os escravos praticavam o vestir, acho oportuno me remeter ao trabalho de Gilberto Freyre dedicado especialmente à interpretação do escravo nos anúncios dos jornais do século XIX.²⁶ Em suas

23 **Diário do Rio de Janeiro**, 03 de dezembro de 1821, p.8. Na reprodução dos anúncios optei pela transcrição exata dos textos originais, conforme consta nos microfimes dos jornais pesquisados na seção de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ).

24 Conforme anúncio de fuga do escravo *Antonio, de nação Benguella*, publicado no **Diário do Rio de Janeiro** em 30 de janeiro de 1850, p.4.

25 Conforme os anúncios publicados, respectivamente: **Gazeta de Notícias**, em 1 de novembro de 1875, p.4 e **Diário do Rio de Janeiro**, em 26 de janeiro de 1850.

26 A utilização de anúncios de jornais como fonte para a história da escravidão teve Gilberto Freyre como pioneiro, datando a primeira edição do seu livro de 1941. Freyre tomou como amostra

avaliações ele afirma que entre os tipos de anúncios publicados envolvendo escravos, como venda e aluguel, se destacam os anúncios de fuga, fonte de informações significativa para a investigação de uma série de aspectos da existência cativa. Segundo Freyre, “explica-se o forte elemento de honestidade que caracteriza esses anúncios: quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos [...] fosse o anunciante embelezar a figura do fujão que era capaz de ficar sem ele pra toda a vida”.²⁷ Ainda de acordo com o autor, “a linguagem dos anúncios de negros fugidos, esta é franca, exata e às vezes crua. Linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutal nas minúcias. Sem retoques e panos mornos”.²⁸

Há de se ter em conta que, na qualidade de fonte documental derivada de quem vê o escravo e não de quem é escravo, os anúncios não estão isentos de possíveis interpretações e avaliações de cunho afetivo-cognitivo dos descritores. Estas, porém, se manifestam de modo mais significativo nas descrições sobre aparência física do escravo, como as qualificações: *bem apessoado*, *boa aparência*, *boa presença*, *bem parecida*, *phisionomia bonita*, *bom cabelo*;²⁹ entre outras afirmações ajuizadas de acordo com critérios do observador “branco”.

Sobre a utilização desses anúncios relacionada a uma tentativa de conhecer um pouco mais como os escravos praticavam o vestir, associo o “forte elemento de honestidade” à objetividade de forma e conteúdo dos anúncios, também destacada por Freyre. Com descrição de aspectos invariáveis e caracteres distintos - nome, origem, cor de pele, traços fisionômicos, atributos físicos corporais - o escravo é individualizado. Desse modo o escravo não é redutível ao padrão construtivo de observação e, de forma empírica, se dá a conhecer. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que tenho a perspectiva do observador, eu tenho do observado, ou seja, do *escravo vestindo*.

principalmente o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comercio* (RJ), entre 1825 e 1888. FREYRE, Gilberto, op. cit.

27 Id. *ibid.*, p. 26.

28 Id. *ibid.*, p. 26.

29 A título de exemplo, as expressões citadas, transcritas conforme ao texto dos anúncios, foram selecionadas, entre outras do gênero encontradas, pela recorrência nos diversos anúncios pesquisados.

No decorrer de minhas pesquisas foram levantados 834 anúncios de fuga³⁰ e deste conjunto, após o devido descarte das publicações repetidas,³¹ foram coletados e trabalhados 627 anúncios com informações sobre vestuário de escravos e escravas do Rio de Janeiro. Essa seleção é fruto de uma pesquisa exploratória realizada em períodos dos primeiros cinco anos das décadas de 1820, 1850 e 1870, nos jornais: *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Comércio* e *Gazeta de Notícias*.³²

No *Diário do Rio de Janeiro* foram coletados 125 anúncios de junho a dezembro de 1821; 132 anúncios de janeiro a junho de 1825; 166 anúncios de janeiro a março de 1850; 11 anúncios de janeiro a dezembro de 1870; 6 anúncios de janeiro a junho de 1871; 5 anúncios de janeiro a junho de 1873. No *Jornal do Comércio* foram coletados 136 anúncios publicados de janeiro a abril de 1855. No jornal *Gazeta de Notícias* foram coletados 46 anúncios no período de janeiro de 1875 a janeiro de 1876.³³

30 Cabe destacar que, tendo em vista a existência de anúncios que apresentam mais de uma fuga, optei pelo emprego do termo *anúncio* para designar cada fuga anunciada. Desse modo, os levantamentos numéricos ora apresentados expressam os números de fugas de escravo levantadas, coletadas e trabalhadas.

31 No decorrer do levantamento e coleta dos anúncios foram identificadas 26 publicações repetidas em datas e/ou jornais diferentes.

32 A utilização dos anúncios de fugas deve ser relacionada ao esforço por conhecer um pouco mais sobre aspectos das formas de vestir dos escravos. Contudo, é uma amostragem e, como tal, seus resultados devem ser vistos como indicativos de uma parcela da realidade escravista. Com este entendimento, na expectativa de ampliar o alcance documental dos anúncios de fugas optei pelo uso de diferentes jornais, cuja escolha foi norteadas pelas diferenças que existiriam entre os respectivos jornais em relação ao público-alvo, a periodicidade de publicação e a forma de acesso. O *Diário do Rio de Janeiro* surgiu na Corte em junho de 1821 e circulou até 1878. Segundo Nelson Werneck Sodré, este jornal “foi realmente o primeiro jornal informativo a circular no Brasil e ocupava-se quase tão somente das questões locais. Inseria informações particulares e anúncios: furtos, assassinios, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios, escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis. Era conhecido como um jornal coletivo, já que seu editor, Vitor Meireles, usava caixas espalhadas pela cidade nas quais qualquer pessoa podia deixar notícias, anúncios ou artigos. Era vendido diariamente de modo avulso através de garotos-jornaleiros. Com uma consolidada reputação de conservador, o *Jornal do Comércio*, fundado em outubro de 1827, por sua vez, além de informativo, tinha como proposta explorar assuntos políticos, informações sobre importação e exportação e notícias do país e do exterior. A *Gazeta de Notícias*, que chegou às ruas em agosto de 1875, era um periódico voltado para a publicação de atualidades, arte, literatura ao alcance da população, cuja proposta, segundo Werneck Sodré, era de um “estilo barato, popular, liberal, que, ao mesmo tempo em que fez com que suas vendas fossem expressivas, também lhe possibilitou a fama de jornal popular ao alcance das massas”. Ver SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

33 Creio não ser necessário entrar em detalhes sobre as diferenças do número de fugas nos três períodos em questão, que devem ser consideradas de acordo com alterações demográficas da população escrava no decorrer do século XIX, questão abordada no primeiro capítulo deste trabalho. Os números de fugas computadas em relação aos períodos trabalhados são os seguintes: 125 fugas em

De cada jornal e respectivo período trabalhado foram coletados todos os anúncios de fuga que continham informações sobre roupas e formas de vestir. O material reunido apresenta um número considerável de indivíduos, de épocas diferentes, que julgo suficiente para uma tentativa de ampliar a apreensão e compreensão de formas de vestir dos escravos do Rio de Janeiro oitocentista.

Visando avaliar o grau de abrangência das informações coletadas, também foi feito um levantamento sobre a incidência dos anúncios que contêm dados sobre vestuário. Nesse sentido verificou-se que cerca de 90 por cento do total dos anúncios levantados fornecem informações sobre roupas usadas pelos escravos fugidos. Esta estimativa é verificada não só em relação à totalidade do material trabalhado, apresentando pouca variação quando considerado cada um dos períodos abordados.

4.1.2 A roupa nos anúncios de fuga

Apresentada como um dado caracterizador, a roupa é associada a aspectos distintivos e individuais do escravo. Ela é observada através da descrição empírica das peças de vestuário usadas e/ou levadas pelo escravo - tipo, quantidade, cor e padrão do tecido – e das suas formas de uso e estado de conservação. A articulação destes dois tipos de enfoque, com a associação da quantidade e da qualidade das peças de vestir aos modos de uso e combinação dos elementos constituintes do conjunto, permitem apreender aspectos de práticas do vestuário de escravos.

Os anúncios de fugas oferecem dois focos de conhecimento, um deles fornece dados empíricos das roupas, o outro dirige atenção para práticas de uso e arranjo das mesmas, apontadas de forma explícita ou implícita. Faz parte do plano de investigação a articulação destes dois focos verificando os objetos disponíveis e sua apropriação e uso.

Ainda em relação ao potencial documental dos anúncios de fuga, nos três períodos pesquisados predominam as fugas masculinas em um número significativamente superior às femininas. A este respeito cabe destacar que a seleção dos anúncios prendeu-se a dois critérios seletivos: temporal, com pesquisa em

sete meses de 1821, 132 fugas em seis meses de 1825, 136 fugas em 3 meses de 1850, 116 fugas em 4 meses de 1855, 28 fugas em 12 meses em 1870, 12 fugas em seis meses de 1871, 15 fugas em seis meses de 1873 e 37 fugas de janeiro de 1875 a janeiro de 1876.

intervalos nos primeiro e quinto anos de cada década; e quantitativo, buscando, na medida do possível, um equilíbrio numérico entre os períodos pesquisados. Portanto, investigar formas de vestir relacionando-as ao gênero dos escravos não foi considerado como critério na seleção dos anúncios.

Os anúncios possuem as mesmas características construtivas de redação sem alterações do gênero descritivo nos três recortes temporais trabalhados. Uma análise preliminar dos anúncios selecionados mostrou a existência de uma estrutura básica composta pelos seguintes padrões descritivos relacionados ao vestuário: a roupa é observada como um aspecto caracterizador, colocada no mesmo patamar de atributos invariáveis do indivíduo descrito – gênero, cor de pele, origem, compleição, traços fisionômicos e hábitos corporais; o que identifica o escravo é o sistema, composto pelas peças usadas e/ou levadas pelo escravo – forma, quantidade, cor, tipo e padrão têxtil - e o que distingue é o conjunto e as formas de arranjo dos elementos que compõem este sistema; ao cumprir a sua função de identificar, o anúncio aponta o permanente e variações identificadoras, implícitas ou explicitamente apresentadas.

A partir desta resposta preliminar às minhas indagações aos anúncios de fugas, identifico dois níveis de apreensão da indumentária escrava: no primeiro nível está a *roupa sem corpo*, apresentada como sistema empírico, composto pelas unidades constituintes da roupa - tipo, material e cor de peças e acessórios -; no segundo está a *roupa com corpo*, apresentada como prática de vestir, através das formas de uso e arranjo das partes constituintes do vestuário.

Dessa forma, o que se pretende com os anúncios de fuga é adição de particularidades em um campo de liberdade de atuação que absorvia usos possíveis do vestuário.

4.1.2.1 Formas, cores e materiais

Entre as circunstâncias sociais e econômicas que envolviam os escravos urbanos do Rio de Janeiro oitocentista, a produção e a comercialização de tecidos e itens de vestuário na cidade é fato que deve ser considerado na pesquisa e avaliação de formas de vestuário dos escravos adotadas. A questão das condições de fabricação e fornecimento de tecidos no Brasil deve ser levada em conta na apreensão e

verificação de dados sobre formas, materiais, texturas e cores das peças e acessórios de vestuário dos escravos da cidade, mesmo com as condições propícias da vida no Rio de Janeiro, favorecendo o contato e acesso a um universo amplo de possibilidades no ato de vestir-se.

Com o Alvará de 05 de janeiro de 1785, o governo português estabeleceu o fechamento de fábricas, manufaturas ou teares em todo o território do Brasil, atingindo, de imediato, 16 fábricas localizadas no Rio de Janeiro. Isto não significa a ausência de pequenas manufaturas voltadas para o mercado local e em de alguns estabelecimentos industriais orientados para o mercado nacional. Na primeira metade do século XIX a produção têxtil era restrita a pequenas tecelagens que concentravam sua produção ao fabrico de tecidos mais grossos de algodão destinados, inclusive, para o vestuário de escravos.

De acordo com Stanley Stein, no decorrer do século XIX predominou no Brasil a fabricação de tecidos grossos de algodão para atender a demanda do vestuário escravo e do ensacamento de produtos agrícolas, como a fábrica de Santo Aleixo, situada no Rio de Janeiro, cuja produção, em 1861, se restringia aos tecidos de algodão de segunda, “adequados para roupas de escravos e colonos e ensacamento”. Ainda conforme Stein, somente nas últimas décadas do século a produção no Brasil fez frente à importação de tecidos, com a confecção de tecidos similares aos produtos ingleses que predominavam até então no mercado. Tecelagens, além dos panos crus, brins e gangas, passaram a produzir em maior escala outros tipos de tecidos, como os riscados, axadrezados, estampados simples e os brins azuis, desalojando completamente os panos crus e domésticos mais baratos importados.³⁴

Portanto, o fornecimento de tecidos para roupas de brasileiros era basicamente importado de indústrias européias, que abasteciam o comércio de tecidos e de roupa feita, conforme anunciado nos jornais em 1870: “camisas, roupa feita e por medida para homens, meninos e crianças.”; “sortimento completo de costumes de brim de linho, paletós de alpaca e merinó para homens e meninos”.³⁵

34 Sobre o desenvolvimento da produção têxtil no Brasil oitocentista ver STEIN, Stanley J. **Origens da evolução industrial têxtil no Brasil: 1850/1950**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1979, p. 19-87.

35 RENAULT, Delso, op. cit., p. 311-314.

O vestuário para escravos era abastecido por manufaturas de algodão que especificavam sua produção destinada ao vestuário de negros escravos, tecidos grossos com os quais eram feitas calças e camisas para os homens e para as mulheres saia e blusa de chita. A venda de tecidos e roupas prontas para escravos era anunciada nos jornais, com especificações sobre a finalidade e a qualidade dos produtos oferecidos como o “pano de algodão grosso, muito encorpado [...], próprio para roupa de pretos por ser muito forte, servindo também para sacos”.³⁶

[março de 1855]: FAZENDAS BARATAS: algodão mesclado, encorpado, e riscadinho, para roupa de escravos, a 180 réis; dito riscadinho a 180 e 120 réis; riscadinho de linho e algodão para roupa de crianças, covado a 200 réis; há grande sortimento de roupas feitas para escravos e escravas; vestidos, saias e camisas para escravas. No largo da Carioca n.4.³⁷

[janeiro de 1873]: FÁBRICA NACIONAL DE SANTO ALEIXO – Algodões para roupas de escravos. Os preços são como se segue. Algodão para roupa de escravos, de 28 pollegadas, 1ª qualidade, vara 640. Dito para roupa de escravos, de 28 ditas, 2ª qualidade, vara 600. Dito para roupa de escravos, de 26 ditas, 2ª qualidade, vara 580. Dito colonos para mucamas, de 28 polegadas, vara 640. Dito de listas de cores e mesclado, de 28 ditas, jarda 700. Dito mesclado, de 26 ditas, jarda 640. Dito trançado especial, de 28 ditas, jarda 560. Barbante de 2 a 6 fios, libra 1\$200. NO ÚNICO DEPÓSITO. Rua da Alfândega 27. GUERREIRO LIMA e C.³⁸

Conforme estes exemplos, nos anúncios de venda de tecidos e roupas para escravos eram destacados aspectos diretamente relacionados à questão funcional do vestuário escravo. É certo que, na medida em que tais anúncios tinham como público alvo os senhores a oferta estaria embasada nas expectativas de custo e benefício deste público: resistência e preço dos produtos. A publicidade de venda serve ainda para mostrar como anúncios aparentemente neutros, informativos, continham implícitos os valores vigentes sobre formas de vestir dos escravos, nas quais a funcionalidade seria condição prévia na concepção das roupas.

Mais do que registrar informações sobre as condições que explicariam formas de vestir dos escravos no Rio de Janeiro oiocentista, ter em conta a questão do fornecimento de tecidos e roupas amplia a compreensão do exame realizado nos anúncios de fugas para detectar unidades constituintes de vestuário – formas, cores e

36 Conforme anúncio publicado no **Diário de Rio de Janeiro**, 16 de janeiro de 1850, p.3.

37 **Jornal do Comercio**, 02 de março de 1855, p.3.

38 **Diário do Rio de Janeiro**, 20 de janeiro de 1873, p.4.

materiais – que compunham as roupas dos escravos. Dessa forma são estabelecidos fundamentos que permitem detectar e avaliar tanto limitações quanto alterações que formavam a visualidade das roupas.

A proposta de investigação de modelos, tecidos e cores de peças de roupas nos anúncios de fugas não é realizar um “rol” de unidades de vestuário, com suas características de forma, material e cor, mas estabelecer uma tipologia de partes constituintes identificáveis como eixo de um sistema e considerar as existências periféricas, nas quais estariam manifestas escolhas pessoais, com a manipulação dos itens de vestuário nas formas de arranjo dos elementos disponíveis, que introduzem a perspectiva do *escravo vestindo*.

A partir dos levantamentos realizados nas três décadas tratadas direcionei minhas análises dos dados coletados, de acordo com dois pontos de enfoque. No primeiro o objetivo é identificar elementos básicos constitutivos das roupas – modelo, tecido e cor –, tratando cada década em particular. O segundo, através do cotejo das três décadas tratadas, visa detectar pontos que poderiam qualificar formas de vestir dos escravos – homens e mulheres – e apontar constâncias e mudanças das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos no decorrer do período focado, 1821 a 1875.

Na expectativa de construir uma visão mais ampla acerca dos tipos de vestuário, as peças, os tecidos e as cores, e a incidência de cada um destes aspectos no conjunto de anúncios pesquisados, como estratégia metodológica de sistematização das informações coletadas optei pelo uso de tabelas, tendo em vista uma apreensão preliminar qualitativa e quantitativa de cada elemento constitutivo dos vestuários masculino e feminino, de cada década em questão. Ao final de cada década analisada, a partir dos dados explicitados nas tabelas e de informações detectadas nos anúncios construí um panorama característico geral do período em questão.

Com o objetivo de detectar permanências e transformações de peças, tecidos e cores/padrões das roupas, adotei como procedimento estabelecer análises comparativas entre as décadas trabalhadas. Dessa forma busco estabelecer conexões que podem ampliar a compreensão do comportamento formal e material do vestuário escravo no decorrer do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1820 e 1875.

Nas tabelas referentes a cada período tratado, das décadas de 1820, 1850, 1870, estão tabulados dados sobre peças, tecidos e cores/padrões de vestuário, masculino e feminino, com as respectivas quantidades resultantes do somatório dos anúncios trabalhados em cada década em questão. Na expectativa de fornecer um quadro geral das características e quantidades das formas, dos tecidos e cores das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos em cada década, as tabelas foram construídas a partir da categorização de dados, estabelecendo a abrangência de cada um dos tipos de peça, de tecido e de cor/padrão discriminados nas respectivas tabelas.

A categoria *Peça* inclui peças de roupas propriamente ditas que comporiam o vestuário - calça, camisa, saia, vestido, colete, jaqueta, e outros do gênero - e acessórios - chapéu, lenço, cinto, entre outros itens. Os sapatos também fazem parte do conjunto itens desta categoria. Na categoria *Tecido* estão relacionados os tipos de fazendas usados na confecção das peças de vestuário - algodão, brim, zuarte, casemira, entre outros -. denominados de acordo com o material e a confecção têxtil. A categoria *Cor/Padrão*, por sua vez, diz respeito às cores e padronagens/estampas dos tecidos usados nas roupas. Em relação aos termos designativos de peças, tecidos e cores/padrões das roupas masculinas e femininas encontrados nos anúncios consultei edições dos respectivos períodos do *Diccionario* de Morais Silva.³⁹ Também foi consultado o *Dicionário Eletrônico* de Antonio Houaiss para complementar a pesquisa de definições de termos designativos.⁴⁰

Há de se ter em conta que nem todos os anúncios reúnem informações sobre os três itens em questão - peça, tecido, cor/padrão -. Existem aqueles que informam sobre as peças de roupa e seus tecidos,

39 Foram consultadas as seguintes edições: SILVA, Morais. **Diccionario da lingua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente**, Lisboa: Tip. M. F. Lacerda, 1823, 3ª edição; SILVA, Morais. **Diccionario da lingua portugueza**, Lisboa, 1858, 6ª edição; SILVA, Morais. **Diccionario da lingua portugueza**, Lisboa: Tip. Joaquim Germano de Sousa Neves – Editor, 1877-1878, 7ª edição. Em SILVA, Maria Beatriz Nizza da, op. cit., p.36-40 encontra-se uma relação de materiais, peças e acessórios de vestuário, masculino e feminino, das duas primeiras décadas do século XIX, na qual a autora apresenta algumas das designações pesquisadas acompanhadas de suas definições extraídas pela autora da 4ª edição do *Diccionario* de Morais Silva de 1831. Abordando formas de vestir dos habitantes do Rio de Janeiro de uma forma geral, a autora aponta indícios sobre o vestuário dos escravos da cidade adotando, entre outras fontes de consulta, anúncios de fugas de escravos. Em suas análises, porém, a autora adota a comparação do vestuário escravo a roupas usadas pela classe senhorial.

40 **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, op. cit.

[setembro de 1821]: No dia 31 de agosto do corrente anno desapareceu da caza de João Teixeira Mendes de Carvalho hum escravo indo para a Carioca com hum barril, por nome Lourenço, nação Benguella, estatura regular, bem feito, com calças e camisa de algodão: quem delle souber ou tiver notícia dirija-se a rua do Rozario N° 6 que lhe darão as alviçaras;⁴¹

aqueles que informam sobre peças, cores e padrões,

[abril de 1855]: Fugio em 9 do corrente o escravo de nome Francisco, official de pedreiro; levou calça branca e camisa, paletó velho de riscado, é de nação Cabinda, e tem um signal em cima da sobrançella esquerda; quem o apprhender e levar à rua do Hospício n. 38, 1º andar, será generosamente gratificado;⁴²

e os que informam as três características das roupas,

[maio de 1876]: Fugiu ante-hontem, domingo 14 do corrente da rua de D. Marianna n.28, Botafogo, o moleque Leôncio, de 12 annos, mais ou menos, bonita figura, bons dentes, vestido de calça e paletot de brim pardo, camisa branca e calçado de botinas, sem chapéu; quem o levar á rua acima ou á praça das marinhas n, 10, será gratificado.⁴³

Os três exemplos apresentados, publicados em 1821, 1855 e 1876, respectivamente, permitem verificar que a estrutura e a forma dos anúncios não sofreram alterações no decorrer do tempo, se mantendo os mesmos critérios de informação das roupas usadas e/ou levadas por escravos fugidos, ou seja, com a descrição objetiva de propriedades materiais das roupas, como forma, desenho, textura e cor, e com a associação destes elementos na composição do que seria o vestuário identificador e distintivo do escravo fugido.

- Da década de 1820

Dos 257 anúncios de fugas de escravos trabalhados na década de 1820, 125 correspondem ao ano de 1821, sendo 100 fugas de homens e 25 fugas de mulheres, e 132 correspondem ao ano de 1825, com 102 fugas masculinas 30 fugas femininas. No total da década foram verificados 25 anúncios de fugas de menores de 15 anos, porém estes não apresentam variações em relação às formas de vestir de escravos de mais

41 **Diário do Rio de Janeiro**, 19 de setembro de 1821, p.120.

42 **Jornal do Comercio**, 01 de abril de 1855, p.4.

43 **Gazeta de Notícias**, 16 de maio de 1876, p.3.

idade, homens e mulheres. O mesmo foi verificado nas três diferentes décadas pesquisadas. Nesse sentido, foi desconsiderada a questão da idade na elaboração das tabelas, sendo computados todos os dados fornecidos nos anúncios divididos de acordo com o gênero masculino e feminino.

A partir do exame dos anúncios visando detectar peças, tecidos e cores/padrões que compunham as roupas, organizei as tabelas a seguir apresentadas conforme o grau de incidência dos referidos itens nas roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos. A cada item discriminado corresponde, entre parênteses, a quantidade verificada nos anúncios. Nesta fase de minhas pesquisas com anúncios de fugas não foram consideradas combinações destes elementos, pois, por serem provenientes de manipulações dos itens em questão, são objeto de estudo no âmbito do segundo nível de apreensão de formas de vestuário escravo, a *roupa com corpo*, que na seqüência será abordado.

PEÇA - 1820	
Homem	Mulher
Calças (162)	Vestido (31)
Ceroulas (24)	Saia (24)
Calções (4)	Baeta (8)
Camisa (132)	Mandrião (2)
Jaqueta (43)	Timão (1)
Colete (12)	Tanga (1)
Vestia (10)	Lenço (8)
Jaleco (5)	Xale (4)
Sobrecasaca (2)	
Casacão (2)	
Libré (2)	
Ponche (1)	
Camisola (4)	
Lenço (4)	
Chapéu (11)	
Sapatos (1)	

Tab.4. *Peças de vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1821 e 1825. Qualificação e quantificação total de peças de roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.*

TECIDO –1820	
Homem	Mulher
Algodão (156)	Algodão (26)
Ganga (38)	Zuarte (16)
Brim (17)	Ganga (8)
Baeta (15)	Cassa (3)
Casemira (8)	
Estopa (8)	
Zuarte (4)	
Cassa (4)	
Linho (2)	
Lona (1)	
Lilla (1)	
De meia (1)	
Lã (1)	
Linhagem (1)	

Tab.5. *Tecidos usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1821 e 1825.* Qualificação e quantificação total de tipos de tecido das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.

COR/PADRÃO – 1820	
Homem	Mulher
Riscado (56)	Chita (30)
Azul (45)	Azul (25)
Branco (23)	Encarnado (5)
Preto (16)	Branco (4)
Amarelo (8)	Roxo (4)
Cor escura (8)	Riscado (3)
Chita (7)	Amarelo (3)
Verde (5)	Preto (2)
Pardo (4)	Verde (2)
Cinza (4)	
Encarnado (3)	

Tab.6. *Cores e padrões usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1821 e 1825.* Qualificação e quantificação total de cores e padrões das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.

A avaliação dos dados permitiu detectar que o vestuário masculino predominante era composto pelo arranjo básico das peças *calça* e *camisa*, confeccionadas de *algodão* listrado, denominado *riscado* ou da cor *azul*. Com menos incidência de uso, seguem as combinações *calça* e *jaqueta*, *calça* e *vestia*,⁴⁴ *calça* e *jaleco*. *Colete*, em maior número, *sobrecasaca*, *casacão* e *libré* eram usados como terceira peça, por cima da *camisa*.⁴⁵ *Ceroulas* e *calções*⁴⁶ surgem em lugar das *calças*. Os tecidos *ganga*, *brim* e *baeta*⁴⁷ e as cores *branco* e *preto* seguem em incidência em um conjunto variado de tecidos e cores/padrões.

Em relação aos dados referentes ao vestuário masculino considero relevante registrar que o *libré*, contrariando o seu uso freqüente apontado nos relatos de viagem como peça típica do vestuário escravo masculino conforme trecho de Rugendas,

Grande parte da população escrava do Rio de Janeiro acha-se empregada em serviços domésticos, com pessoas ricas ou de posição. É um artigo de luxo, inerente antes à vaidade do senhor do que às necessidades da casa. Esses escravos usam librés fora de moda, que acrescidas aos turbantes e penteados esdrúxulos, fazem deles verdadeiras caricaturas,⁴⁸

apresenta uma insignificante participação nas roupas dos escravos fugidos, somente 2 no total dos 202 anúncios pesquisados.

A seminudez, outra caracterização da visualidade escrava nas ruas da cidade representada em registros textuais e imagéticos, nos 257 anúncios pesquisados é registrada apenas na “negra de Nação Angola por nome Josefa (...) vestida com tanga que trouxe do Vallongo, com muitos fios de conta no pescoço, que desapareceu hindo buscar agoa ao Campo.”⁴⁹

44 *Vestia*: “parte dos vestidos que se cobre o tronco do corpo, com mangas ou sem elas. Traz-se por cima da camisa.”. SILVA, Morais, op. cit.

45 *Casacão*: “casaca grande, que se veste sobre a casaca, por causa de evitar a chuva.”; *libré*: “vestido uniforme que os senhores dão aos lacaios, palafreiros, liteiros. Com fitas, galões passameres, bocas de outras cores.”. SILVA, Morais, op. cit.

46 *Ceroulas*: “calças de algodão, ou linho, que se trazem por baixo dos calções”; *Calção*: “calça de pernas curtas e entufadas que, a princípio, ia da cintura até às virilhas e que, mais tarde, se estendeu até o meio das coxas e, afinal, até o joelho”. SILVA, Morais, op. cit., **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, op. cit.

47 *Ganga*: “tecido de algodão loiro, azul ou preto, que se traz da Ásia”; *brim*: “tecido resistente de linho ou algodão”; *baeta*: “tecido de lã, grosseiro, felpudo”. SILVA, Morais, op. cit.

48 RUGENDAS, Johann Moritz, op. cit., p. 269.

49 **Diário do Rio de Janeiro**, 17 de dezembro de 1821, p. 53.

Conforme os anúncios, o vestuário feminino era basicamente composto por *vestido*,⁵⁰ que poderia ser uma única peça, ou a composição de saia e camisa, de *algodão* ou *zuarde* estampados, do tipo *chita*, ou da cor *azul*.⁵¹ Nas Tab.4 e 5, *Peças e Tecidos* pode ser verificado maior variação destes itens na composição das roupas masculinas em relação às femininas. Este fato pode ser compreendido no âmbito da diferença quantitativa existente entre fugas de homens e mulheres contabilizadas. As *Cores* das roupas femininas, por sua vez, assim como as masculinas apresentam uma gama variada de possibilidades.

Assim como no caso do uso do *libré* no vestuário masculino, sobre as roupas femininas dos anúncios de fugas quero acrescentar um ponto de reflexão na expectativa de ampliar a apreensão da questão *escravo vestido-escravo vestindo*. Na mesma época dos anúncios de fuga ora trabalhados Debret registrou cenas e pessoas nas ruas da cidade, com representações imagéticas de escravos e escravas em diferentes situações, Il.9, 14 e 15. Nestas imagens Debret apresenta mulheres negras usando vestidos, saias e camisas, acrescidos de xales, lenços e turbantes. Ao contrário da paleta de cores variada usada pelo artista nas roupas, detectada também nos anúncios de fugas, o uso expressivo de xales, lenços e turbantes representado por Debret não corresponderia nas vestes das escravas fugidas, cujos anúncios apresentam 8 mulheres usando lenço e 4 usando xale, números reduzidos se considerarmos as 55 fugas femininas contabilizadas.

É certo que se trata de dois tipos diferentes de fontes de informação, com origens e objetivos distintos. Porém, ainda que se possa identificar nexos evidentes quanto ao tipo de informação, como já anteriormente dito, descrições provenientes do “olhar do outro”, no caso dos anúncios, do “olhar do proprietário”, meu intuito com o cotejo de informações de mesma natureza - ou seja, peças, tecidos e cores/padrões que compunham as roupas – é questionar o domínio descritivo de hábitos e formas de

50 Conforme consta em SILVA, Morais Silva, op. cit., *vestido* é “vestidura, hum vestido, huma casaca, vestia e calções. Hum vestido de mulher consta de peças ordinárias, roupa, saia, etc.”. No **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, op. cit., consta que *vestido* “pode constituir-se de dois elementos que se integram, um cobrindo a parte superior do corpo, exceto a cabeça, e o outro, das ancas para baixo, ou conformar-se numa só peça inteiriça”.

51 *Zuarde*: tecido de algodão, por vezes mesclado, encorpado e tosco, ordinariamente azul ou preto; *chita*: tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, op. cit. Segundo SILVA, Morais, op. cit., *chita* é “lençaria pintada de flores, aves, e impressa na Ásia, ou feita na Europa.”

vestir dos escravos do Rio de Janeiro oitocentista. Entendo ser um dos caminhos que pode levar à apreensão de práticas de vestir adotadas pelos próprios escravos, ou seja, levar ao *escravo vestindo*, compreendido no âmbito descritivo das fontes de consulta, e do qual, conforme as formas de questionar tais fontes, ele pode surgir.

- *Da década de 1850*

O segundo grupo é o de anúncios de fugas publicados três décadas à frente, em meados do século XIX. Do total de 302 anúncios, 166 correspondem ao ano 1850 - 131 homens 35 de mulheres -, e 136 anúncios a 1855 - 108 homens e 28 mulheres -. A sondagem destes anúncios, cuja sistemática de trabalho realizado seguiu os mesmos critérios de identificação, categorização e quantificação de unidades de vestuário usados na década de 1820, aponta as seguintes características de forma, material e cor, discriminados e tabulados de acordo com as categorias estipuladas:

PEÇA – 1850	
Homem	Mulher
Calças (109)	Vestido (43)
Ceroulas (3)	Saia (9)
Camisa (122)	Camisa (8)
Jaqueta (23)	Paletó (2)
Sobrecasaca (2)	Colete (2)
Colete (1)	Avental (1)
Paletó (1)	Lenço (18)
Casacão (1)	Xale (8)
Ponche (1)	Pano-da-costa (6)
Chapéu (12)	Luvas (1)
Boné (2)	Sapatos (8)
Cinto (2)	
Lenço (1)	
Gravata (1)	
Sapatos (9)	

Tab.7. *Peças de vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1850 e 1855. Qualificação e quantificação total de peças de roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.*

TECIDO - 1850	
Homem	Mulher
Algodão (90)	Algodão (21)
Pano (10)	Cassa (8)
Brim (10)	Lã (2)
Estopa (8)	Seda (2)
Zuarte (6)	Cambráia (1)
Ganga (5)	Lilla (1)
Morim (5)	
Casimira (3)	
Lã (3)	
Baeta (2)	
Lilla (1)	
Lona (1)	
De meia (1)	

Tab.8. *Tecidos usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1850 e 1855. Qualificação e quantificação total de tipos de tecidos das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.*

COR/PADRÃO -1850	
Homem	Mulher
Riscado (93)	Chita (22)
Azul (44)	Riscado (15)
Branco (38)	Azul (14)
Cor escura (12)	Branco (7)
Preto (7)	Xadrez (6)
Chita (5)	Cor escura (5)
Encarnado (3)	Roxo (4)
Amarelo (2)	Encarnado (3)
Pardo (1)	Preto (2)
Verde (1)	Rosa (2)
Clara (1)	Amarelo (1)
Roxo (1)	Cor de rapé (1)
Cinzento (1)	Cor de pano-da-costa (1)
Tinto (1)	
Cor de azeitona (1)	
Rosa (1)	

Tab.9. *Cores e padrões usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1850 e 1855. Qualificação e quantificação total de cores e padrões das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos trabalhados da respectiva década.*

Ao compararmos as informações deste conjunto de anúncios com as coletadas na década de 1820 encontramos poucas diferenças quanto à diversidade de tipos de peças, de tecidos e de cores. Ao vestuário masculino predominante composto pelo conjunto básico de *calça* e *camisa* também eram acrescentadas outras peças - *jaqueta*, *sobrecasaca*, *colete*, *paletó*, *casacão* e *ponche* – porém com menor incidência do que foi verificado na década de 1820. O uso da *vestia* e do *libré*, por sua vez, não são detectados nos anúncios deste período. *O algodão* mantém-se como o principal tipo de tecido citado, seguido do *pano*,⁵² o *brim*, a *estopa*, o *zuarde*, *ganga* e o *morim*, e de outros com menor incidência de uso. Em relação à cores/padrões se mantém o predomínio do tecido *riscado*, com mais frequência do que na década de 1820, seguido do azul, do branco e uma gama variada de cores, conforme a escala de incidência apresentada na respectiva tabela.

Em relação ao período anterior avaliado, além do *chapéu* e do *lenço* surgem outros acessórios adotados pelos escravos na composição do vestuário, *boné*, *cinto*, e *gravata*. Sobre a presença do chapéu no vestuário escravo masculino, volto às fotografias de Christiano Jr., realizadas cerca de duas décadas adiante, apresentadas no capítulo anterior. Duas das imagens analisadas no capítulo em questão, Il.36 e 37, mostram a presença do chapéu nas roupas representadas em duas cenas da existência cativa.

Na primeira, Il.36, o chapéu compõe o conjunto de vestuário de um escravo que está carregando cesto e pano de rondilha - instrumentos de trabalho usados pelos escravos no transporte de carga -. Portanto, nesta imagem, o chapéu - associado ao conjunto calça, camisa e paletó – tem o seu uso associado aos momentos de trabalho de um escravo carregador, possivelmente *de ganho*. Sem me estender em detalhes de análise, já apresentados no seu respectivo contexto, quero acrescentar mais um dado para a reflexão sobre a presença do chapéu nas formas de vestir de escravos, a depender da hora e da circunstância.

Na segunda fotografia selecionada, Il.37, está representada uma cena de socialização entre dois escravos, sem nenhuma referência visual que registre algo

52 *Pano*: “tecido de fios de linho, algodão ou lã para vestidos e outros usos”; SILVA, Morais, op. cit.

além do encontro entre duas pessoas que se cumprimentam. Nessa imagem o uso do chapéu, está vinculado a ocasiões extraordinárias ao cotidiano de trabalho que fariam parte da existência cativa. Os dois estão usando calça, camisa, paletó, e portam guarda-chuvas, o que reforça um caráter formal de cena, ao qual está associado, portanto, o uso de dois tipos diferentes de acessórios de cabeça: um chapéu, propriamente dito, - de cor clara e copa arredondada - com características formais nitidamente européias, e um gorro bicolor, ou uma *carapuça*, cuja vinculação étnica já foi anteriormente apontada.

Partindo de um aspecto que chama a atenção nesta fotografia, o contraste entre os conjuntos de vestuário dos dois homens e seus pés descalços, retorno aos anúncios de fugas para abordar o uso de sapatos por escravos. Enquanto na década de 1820 não foi encontrada nenhuma referência a este respeito, nos anúncios da década de 1850 o uso de sapatos é apontado em nove casos, conforme a tabela *Peças*. Isto ocorre com a especificação da presença e do tipo de calçado, como no caso do escravo Silvestre, ferreiro, que fugiu levando

paletós e calças brancas em um embrulho e no corpo sua roupa de trabalho, camisa de algodão e calça azul com boné na cabeça e levou também tamancos nos pés, com que sempre anda ;⁵³

com a indicação não específica de uso, como nos anúncios de fuga de dois escravos alfaiates, um “que anda sempre calçado e quase diariamente de gravata”,⁵⁴ e outro “vestido de calça de brim de cor e camisa de morim branco que foi descalço mas está acostumado a andar calçado”,⁵⁵ ou através de uma citação genérica, como o escravo fugido de 30 a 35 anos de idade que “consta que anda calçado”.⁵⁶

Passando para as características principais do vestuário feminino, predomina o uso de *vestido*, seguido pelo conjunto *saia e camisa*, majoritariamente usados sem a sobreposição de outras peças, que se resumem a *paletó, colete e avental*. Há de se ter em conta que a qualificação *vestido* deve ser entendida tendo em vista a definição

53 *Jornal do Comercio*, 01 de janeiro de 1855, p. 4.

54 *Diário do Rio de Janeiro*, 04 de abril de 1850, p.4.

55 *Diário do Rio de Janeiro*, 15 de abril de 1850, p. 4.

56 *Diário do Rio de Janeiro*, 15 de fevereiro de 1850, p. 4.

designativa que consta no *Dicionário* de Moraes Silva, apontada anteriormente. Portanto, *vestido* poderia significar, também, a composição de duas peças, estas, porém, seriam confeccionadas do mesmo tipo de tecido e/ou da mesma cor ou padrão. A maior parte das roupas descritas é de *algodão* nos padrões *chita* e *riscado*, ou na cor *azul*, e, assim como nas roupas masculinas, a visualidade do vestuário feminino, detectada nos anúncios compreende uma variada gama de cores. Conforme a década de 1820, *lenços*, *xales* e fazem parte do conjunto de peças de roupas, ora acrescidos do *pano-da-costa*, como no caso da escrava crioula usando “vestido de babados de cassa roxo,⁵⁷ lenço de cassa verde com xadrez branco no pescoço e lenço branco amarrado na cabeça”,⁵⁸ e da escrava quitandeira de nação Mina que, conforme sua descrição, “costuma andar vestida de saia e pano-da-costa e lenço na cabeça”.⁵⁹ Os lenços, os xales e panos-da-costa aproximam as escravas fugidas descritas nos anúncios das mulheres negras imgeticamente representadas duas décadas à frente, em *Viagem ao Brasil*, de Luis e Elizabeth Agassiz,⁶⁰ conforme IIs.16 a 23, no capítulo anterior.

Em relação ao uso de sapatos, ao contrário do período anterior investigado, esta prática de vestuário aparece nos anúncios, com no da escrava de nação Conga, costureira, que fugiu “bem vestida, foi calçada de sapatos e meia e xale ou lenço no pescoço”,⁶¹ e da angolana que “levou em uma trouxa um par de tamancos, vários lenços, um espelho”.⁶²

- Da década de 1870

Publicados cerca de duas décadas adiante, o terceiro grupo pesquisado reúne 68 anúncios coletados em diferentes períodos dos anos 1870, 1871, 1873 e 1875, 1876, sendo 47 de fugas masculinas e 21 de fugas femininas. Cabe remarcar que, sobre a significativa redução quantitativa de anúncios de fugas neste grupo em relação aos períodos anteriores, há de se ter em conta o decréscimo do número de

57 *Cassa*: “fazenda de algodão mui fina”; SILVA, Moraes, op. cit.

58 *Diário do Rio de Janeiro*, 12 de março de 1850, p. 4.

59 *Jornal do Comercio*, 21 e 22 de janeiro de 1855, p. 3.

60 AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elizabeth Cary, op. cit.

61 *Jornal do Comercio*, 05 de abril de 1855, p. 3.

62 *Diário do Rio de Janeiro*, 09 de janeiro de 1850, p. 4.

escravos que ocorreu na cidade a partir de meados do século. Conforme a Tab.2, apresentada no primeiro capítulo, a população escrava da cidade sofreu uma significativa redução, passando de 78.855 em 1849 para 39.567 cativos em 1872. Ainda de acordo com a tabela em questão é possível verificar uma expressiva redução foi expressiva do número de escravos africanos na cidade, de 52.341 1849 para 8.942 cativos em 1872.

O trabalho com estes anúncios aponta as seguintes características de forma, material e cor/padrão das roupas descritas, discriminadas e tabuladas de acordo com as categorias estipuladas:

PEÇA - 1870	
Homem	Mulher
Calças (44)	Vestido (13)
Camisa (37)	Saia (5)
Paletó (9)	Camisa (2)
Casaca (4)	Paletó (5)
Colete (2)	Casaco (2)
Fraque (1)	Timão (1)
Chapéu (13)	Xale (1)
Carapuça (4)	Lenço (1)
Lenço (1)	Sapato (5)
Sapato (8)	

Tab.10. *Peças de vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1870, 1871, 1873 e 1875.* Qualificação e quantificação total de peças de roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.

TECIDO - 1870	
Homem	Mulher
Algodão (22)	Algodão (10)
Brim (12)	Lã (5)
Morim (2)	Musselina (1)
Casemira (2)	
Zuarte (2)	
Baeta (1)	

Tab.11. *Tecidos usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1870, 1871, 1873 e 1875.* Qualificação e quantificação total de tipos de tecido das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos somados os períodos da respectiva década.

COR/PADRÃO - 1870 (quantidade)(a)	
Homem	Mulher
Branco (11)	Chita (9)
Pardo (10)	Verde (4)
Riscado (7)	Azul (2)
Preto (5)	Branco (2)
Azul (5)	Encarnado (2)
Chita (1)	Rosa (2)
Cor escura (2)	Riscado (2)
	Preto (1)
	Parda (1)
	Amarelo (1)

Tab.12. Cores e padrões usados no vestuário masculino e feminino de escravos fugidos - 1870, 1871, 1873 e 1875. Qualificação e quantificação total de cores e padrões das roupas usadas e/ou levadas somados os períodos trabalhados da respectiva década.

Enquanto nos anúncios da década de 1850 a *jaqueta* prevalece em relação ao *paletó*, este último passa a fazer parte do vestuário dos escravos fugidos com maior incidência, usado quase sempre, junto com *colete* e *chapéu*. Outro aspecto digno de nota é que quando escravos fugiam usando *paletó*, sempre estavam usando *sapatos*. Como no caso do escravo *de aluguel* Eugenio que, ao fugir no final do ano de 1875, “levou vestido calça e collete branco, paletó côr de café com golla de velludo e chapéu de Chile, calçado”⁶³. Ou como o fugitivo Lino, que, meses depois, “levou vestido camisa branca, calça, collete e paletot de brim riscadinho desbotado, chinelas grossas de couro e chapéu preto de pello de lebre”.⁶⁴ Portanto, paletós, coletes, chapéus e sapatos passam a fazer parte do vestuário com mais frequência.

Sobre o uso de aos sapatos, é digno de nota o expressivo crescimento do número de escravos calçados no período em questão em relação ao período anterior pesquisado: nove casos no total de 239 escravos na década de 1850 e oito casos no total de 47 anúncios na década de 1870, números que equivalem a um crescimento de 3,8%, para 17%, de escravos usando sapatos. O registro da presença de calçados, assim como no período anterior pesquisado, é feito através da explicitação da presença do calçado no momento da fuga ou da possibilidade de seu uso pelo escravo

63 *Gazeta de Notícias*, 01 de novembro de 1875, p.4.

64 *Gazeta de Notícias*, 26 de janeiro de 1876, p. 4.

fugido. Além do chapéu, a *carapuça*⁶⁵ - de *chita*, de *meia*, de *contas* - e o *lenço* surgem como acessórios usados na cabeça compondo conjuntos de vestuário masculino descritos.

Outro fator observável nas roupas dos escravos fugidos deste período é a redução dos tipos e cores/padrões de tecidos, com a substituição do padrão *riscado* e da cor *azul* que predominavam nas décadas anteriores, pelos tecidos nas cores *branco* e *pardo*.

As roupas das escravas fugidas, por sua vez, também apresentam diminuição de cores, porém não tão significativa como nas roupas dos homens. Dois aspectos detectados na composição das roupas femininas merecem destaque, o primeiro é o uso de *paletó* junto com *vestido*, e com *saia* e *camisa*. Enquanto na década de 1850 foi registrado o uso de *paletó* por oito mulheres no total de 63 escravas fugidas, no período ora trabalhado cinco entre 21 escravas fugiram usando esta peça de roupa. O segundo aspecto digno de nota é a significativa presença de *sapatos* no vestuário das escravas fugidas, que mantêm a mesma proporcionalidade de uso que o *paletó*, cinco entre as 21 escravas fugidas usavam sapatos, por mera coincidência, pois, ao contrário do que ocorre com os homens, o uso de paletó e sapatos não está associado na composição do vestuário das escravas.

Assim como ocorre nos anúncios de fugas masculinos, a presença de sapatos nas roupas das escravas fugidas é registrada com a explicitação do tipo de calçado, como na fuga de Francisca, que fugiu com “vestido branco, paletot branco e preto, chinellas á bahiana forradas de vermelho”,⁶⁶ ou através da denúncia de uso, como no caso da escrava de aluguel Rosana que, segundo o anúncio de sua fuga, “anda calçada e intitula-se forra”.⁶⁷

Ainda sobre as peças que compunham as roupas das escravas fugidas, destaco a incidência de uso de *xale* e de *lenço*, que se resumem a dois casos, um de cada em todo o conjunto de 21 anúncios trabalhados. Neste ponto cabe remarcar o cotejo realizado entre os dados obtidos nos anúncios da década de 1850 com as imagens

65 *Carapuça*: “peça de cobrir a cabeça feita de ponto de meias, panno, couro, pontiaguda”. SILVA, Morais, op. cit.

66 *Gazeta de Notícias*, 07 de agosto de 1875, p. 4.

67 *Gazeta de Notícias*, 23 de maio de 1876, p.4.

femininas que fazem parte dos relatos de viagem do casal Agassiz. Enquanto nesta década registra-se o a presença de xales, lenços e panos-da-costa nas roupas das escravas fugidas, conforme também nas representações imagéticas de *Viagem ao Brasil*,⁶⁸

Finalizando este segmento da pesquisa dedicado ao levantamento exploratório de aspectos gerais das formas de vestir descritas nos anúncios de fugas, destaco dados que merecem observações à parte, pois propiciam uma qualificação mais efetiva da visualidade das formas de vestir descritas nos anúncios no decorrer das três décadas trabalhadas.

Na década de 1820, as *calças* apresentam aspectos diferenciados em relação aos tipos e modelos, com o detalhamento de características formais: *largas, um tanto largas, muito largas, curtas, com as pernas cortadas, com emendas nos joelhos, emendadas do joelho para baixo, de bolsos ao lado, abotoadas ao lado, abotoadas pelo lado de alto abaixo, de enfiar, de meia*. As duas últimas podem ser uma variação descritiva das *ceroulas* que, por sua vez, podiam ser *ceroulas compridas* e *ceroulas curtas*.

Assim como as *calças*, as *camisas*, por sua vez, apresentam variações relacionadas ao modelo - *com babados, com duas abas na parte detrás, sem mangas, de mangas curtas, com as mangas cortadas*. O corte de mangas também é apontado nas *jaquetas* e *casacos*.

Quando consideradas as décadas 1850 e 1870 é perceptível uma incidência gradativamente menor de referências sobre diversificações ou modificações de modelo e forma de peças de roupa do vestuário masculino. As variações detectadas se referem aos tipos de tecido e as cores e/ou padrões das roupas.

Sobre o vestuário feminino, os anúncios revelam que, nos três períodos trabalhados, além cores e estampas variadas, modelos diferentes de um mesmo tipo de peça de vestuário, lisos e estampados, eram usados pelas escravas na composição de seus trajés. *Vestidos – sem mangas, de mangas, de mangas curtas, ropão –, saias, camisas, paletós - curto, com manga curta -, de chita, flores, salpicos, com pintas redondas, listas, riscado, riscado de quadrados, xadrez, quadriculado* - compunham

68 AGASSIZ, Luis; AGASSIZ, Elizabeth Cary, op. cit.

a visualidade das formas de vestir femininas, ornamentada com *babados, barras, debruns e entremeios*.

No que se refere às especificações que acompanham os tipos de tecidos tanto das roupas dos homens quanto das mulheres, nos três períodos trabalhados, variam conforme a origem ou o tipo de confecção - *algodão de Minas, algodão da Bahia, algodão da fábrica de Santo Aleixo, algodão da fábrica de Petrópolis, algodão americano* -; a qualidade e composição - *algodão grosso, algodão fino, algodão ordinário* -; o padrão do tecido - *riscadinho, riscado largo, riscado grosso, riscado americano, algodão riscado* -.

O uso corrente do tecido *riscado*, disposto em diferentes combinações de cores – branco e azul, branco e amarelo, branco e encarnado, branco e verde, encarnado e azul - nos induz a considerar o listrado como uma característica visual marcante do vestuário escravo. Sobre razões que possam explicar a origem do tecido listrado nas roupas dos escravos me reporto ao trabalho *O pano do diabo*,⁶⁹ do pesquisador francês de história das representações simbólicas Michel Pastoreau.

Ao discorrer sobre o significado do uso das listras e tecidos listrados no decorrer da história ocidental, o autor aponta que o tecido listrado associa-se à idéia de exclusão, usado por indivíduos excluídos e rejeitados em diferentes épocas e lugares, daí a sua classificação como *pano do diabo*. Seguindo a apreensão do tecido listrado como símbolo visual portador da idéia de exclusão social, uma questão relevante tratada por Pastoreau é a associação deste padrão ao serviço doméstico e à escravidão de origem negra africana. Esta última, segundo o autor, surgiu na Itália na virada dos anos 1500. Desde o século XVI a nobreza veneziana importava jovens africanos para o serviço doméstico, fazendo questão que vestissem turbantes, coletes e calças listradas, hábito que se espalhou pelas cortes da Europa.

De acordo com Pastoreau,

Entre o início do século XV e meados do século XVI, a moda de listras domésticas atinge o seu apogeu. Atinge ela igualmente homens e mulheres. Nas imagens, as domésticas com blusas, vestidos ou listrados são numerosas. Também os são, principalmente na virada dos anos 1500, os pajens, criados e escravos negros

69 PASTOREAU, Michel. **O pano do diabo**: uma história das listras e dos tecidos listrados. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

pintados com vestes listradas. As listras domésticas assumiram nesse caso uma importante dimensão exótica [...] Esse toque africano se torna rapidamente uma moda, [...] Cada palácio, cada corte teve seus “escravos” negros, que seus donos gostavam de vestir de listras [...] Embora em declínio após 1560-1580, esse hábito reapareceu episodicamente do século XVII ao século XVIII.⁷⁰

A questão da dimensão simbólica do tecido listrado apresentada por Pastoreau foi considerada por Silvia Escorel que, ao discorrer sobre o tecido listrado em sua dissertação de mestrado sobre imagens do traje negro no Rio de Janeiro do século XVIII, sugere que “sua posterior identificação com os negros africanos submetidos ao cativo parece dar continuidade a essa mesma linguagem”.⁷¹

Com base nas afirmações de Pastoreau, trazidas para o estudo do vestuário escravo, é lícito apontar esta nova perspectiva de apreensão do tecido listrado na indumentária escrava masculina, conforme detectado nos anúncios de fugas. É certo que não podemos desconsiderar a predominância do tecido *riscado* detectada nos anúncios de fugas como uma circunstância do fornecimento de tecidos e roupas prontas para escravos, conforme os anúncios de vendas publicados nos jornais da época. Refletindo acerca desta possibilidade cabe acrescentar que a produção do padrão têxtil listrado requer um procedimento técnico um pouco mais complexo do usado para a fabricação de tecidos lisos. Portanto, a adoção do tecido listrado, muitas vezes em detrimento de tecidos lisos, brancos ou coloridos, não estaria explicada necessariamente pelo menor custo de produção. Cabe também, no caso, considerar o abastecimento do mercado de tecidos importados mais baratos, que incluía os riscados ingleses, anteriormente abordado.

De qualquer forma, o uso de listras nas roupas de escravos - registrado por Rugendas em *Punition publique sur la place Ste. Anne e Danse batuque*, Il.1 e 5, e por Debret em *Barbeiros ambulantes*, Il.13, assim como em outras representações destes e outros artistas viajantes⁷² - é um assunto digno de reflexão. Ele pode ser pensado no âmbito da questão “*ver sempre será classificar?*” discutida por

70 Id. *ibid.*, p. 56.

71 ESCOREL, Silvia. **Vestir poder e poder vestir**: o tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro – séc. XVIII). Dissertação de Mestrado em História Social. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, CFCH, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

72 Ver MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de, *op. cit.*, p. 400, 402, 407, 408, 419, 472, 478, 530, 531. Na página 281 está reproduzida uma imagem de Johann Nieuhoff, intitulada *Negers Sçeelende op KalabaSen*, que registra a presença do tecido riscado no vestuário de escravos no século XVII.

Pastoreau.⁷³ Aprofundar esta discussão significaria investigar a exclusividade, ou não, do tecido listrado nas roupas dos escravos, verificando sua ocorrência, ou não, nas formas de vestir usadas por outros segmentos da população.

4.1.2.2 Formas de uso, arranjo, e combinação

Após trabalhar com anúncios de fugas visando detectar características formais e materiais das roupas usadas pelos escravos - forma, cor, textura e desenho -, em um nível de apreensão do vestuário enquanto *roupa sem corpo*, passo ao outro nível de análise da indumentária escrava que identifico como *roupa com corpo*. Apontados os elementos que as roupas têm em comum, dou continuidade à busca de indícios que revelem ações e práticas dos escravos que envolviam o vestuário, na expectativa de ver o escravo como instrumento de ação, como ele se dava a observar ao praticar o vestir.

Para tanto analiso os anúncios na expectativa de captar, na mesma situação em que o escravo era observado, ou seja, no ato da fuga, dados que permitam perceber como os escravos manipulavam itens de vestuário e se manifestavam nos atos de vestir. Minhas argumentações nesse sentido estão ancoradas em uma questão basilar: por mais restritas que fossem as ofertas de itens de vestuário, conforme as opções disponíveis, quais seriam os limites para os escravos de dispor e combinar aqueles elementos que estivessem acessíveis no ato de vestir-se? Responder esta questão não é uma tarefa fácil, pois requer distinguir o escravo “atuando” em meio a descrições alheias ao mesmo, quase sempre lendo nas “entrelinhas” o que não está explícita ou diretamente expresso.

Com o objetivo de caracterizar de forma distintiva a roupa usada e/ou levada pelo escravo no ato da fuga facilitando, portanto, o reconhecimento do mesmo com a expectativa de fornecer uma descrição a mais detalhada possível que levasse à sua pronta e rápida recuperação, os anúncios de fugas apresentam pormenores sobre modelos, materiais, cores e padrões das roupas. As informações podem variar em menos ou mais detalhes – de feitio, de cor, de textura, de forma de uso ou de estado de conservação.

73 PASTOREAU, Michel, op. cit., p. 15.

[dezembro de 1821]: No primeiro dia do corrente mez fugio hum negro de nome Manoel, Nação benguela, estatura ordinario, olhos pequenos, cheio de corpo, digo não he mal feito, meio fulla de cara, he marinheiro, calças de algodão, jaleco azul, levou mais roupa em huma trouxa, camisa de riscado; quem delle souber ou tiver noticias procure a caza N. 13 rua dos Barbonos passando a Marrecas, e se lhe pagara o seu trabalho.⁷⁴

[março de 1850]: Fugio, no dia 18 do corrente um negro de nação Congo, carpinteiro, [...], levou no corpo camisa branca, calças de riscado e jaqueta de riscado desbotado ou jaqueta branca, levou também chapéu branco de copa baixa e abas largas, porém como o mesmo tenha posto quase toda a roupa fora, pode muito bem aparecer vestido com qualquer outra. [...].⁷⁵

[janeiro de 1855]: Fugio [...] huma escrava crioula de côr preta [...], figura bonita e bem feita de corpo, rosto comprido, nariz também comprido, dentes claros e perfeitos [...], levou diversa roupa, por isso não de menciona, anda sempre apertada de collete e calçada, é de se suppor que se intitule forra [...].⁷⁶

[outubro de 1870]: Anda fugida uma escrava de nome Elisiaria, crioula, dos signaes seguintes; representa a idade de 50 annos, desdentada, feia, côr preta não retinta, com muitos cabellos brancos, levou vestido escuro velho e um timão de lã de côr escura, também velho. Consta que ela tem sido encontrada nas vendas da rua da Saúde. Quem a levar á rua da Imperatriz, n. 31, receberá 10\$000 de gratificação.⁷⁷

[janeiro de 1871]: Gratifica-se bem a quem levar a preta Laurinda, já bem conhecida como fujona, á rua de S. José n. 55; é escrava do Dr. Calazans que reside á rua do Aqueduto n. 63, onde igualmente a poderá conduzir quem a apprehender; ela costuma vestir-se bem, e dar-se por forra, mas os Srs. Pedestres não podem illudir-se, porque muitos já a conhecem.⁷⁸

[abril de 1876]: Fugio a escrava Maria, parda clara, mas um pouco vermelha, representa ter mais de 40 annos por ter o rosto enrugado, é conhecida por Maria Bahiana, por ser natural da Bahia, é baixa e não gorda, usa de saia e a que levou é de chita branca com salpicos, o babado largo debruado de preto, camisa de entremeios de crochet e chailes novo e grande de lã de casemira fina de côres differentes; quem a pegar e levar a seu senhor na rua da Princeza dos Cajueiros n. 156, será bem gratificado.⁷⁹

74 **Diário do Rio de Janeiro**, 17 de dezembro de 1821, p. 52.

75 **Diário do Rio de Janeiro**, 27 de março de 1850, p.4.

76 **Jornal do Comercio**, 04 de janeiro de 1855, p. 3.

77 **Diário do Rio de Janeiro**, 06 de outubro de 1870, p. 4.

78 **Diário do Rio de Janeiro**, 14 de janeiro de 1871, p. 4.

79 **Gazeta de Notícias**, 09 de abril de 1876, p.3.

[outubro de 1876]: Fugio [...] escrava crioula de 24 annos, penteada com tranças de cabelo, estatura mais que regular, corpulenta [...], levou vestido branco com ramagens pretas e calçada de botinas de duraque preto, usando dois anneis, contendo um a inicial L, circulado de turquezas, e outro de rubina e pérolas e brincos de ouro baixo, [...] guarda-sol preto, com cabo guarnecido de metal [...], inculca-se forra [...].⁸⁰

Como pode ser verificado nos exemplos transcritos, o conteúdo descritivo dos anúncios de fugas compreende uma série de informações sobre a visualidade das formas de vestir que permitem detectar, além de modelos, tipos de tecidos e padrões, as formas de combinação de peças de vestuário e o estado de uso e conservação destas: *vestido escuro velho e um timão de lã de côr escura, também velho; huma camizolla de lã, calça de algodão groço, e por dentro desta outra de ganga, e jaleco de cazemira preta, tudo já uzado; jaqueta de riscado desbotado*. Também são enunciados dados que indicadores de escolhas pessoais de vestuário, como o uso e arranjo de peças e acessórios: *um boné na cabeça e tamancos nos pés; anda sempre apertada de collete e calçada de botinas de duraque preto, usando dois anneis, brincos de ouro baixo, guarda-sol preto, com cabo guarnecido de metal*.

Tendo em vista a identificação e o levantamento já realizado de peças, tipos de tecidos e cores/padrões das roupas, passo ao nível investigativo de busca e análise de dados que denotem participações dos próprios escravos nas formas de vestir descritas. Itens de vestuário, suas formas de uso e arranjo, e o estado de conservação são dados que devem ser considerados. As quantidades e as características qualitativas das roupas são dados indiciários que apontam para possibilidades de homens e mulheres escravizados, encontrarem formas de obtenção, apropriação e uso de roupas e acessórios.

Denúncias sobre mudanças das caracterizações visuais descritas são informações significativas para a apreensão de formas de vestir na perspectiva do *escravo vestindo*. Nesse sentido, variações e alterações são detectadas por intermédio da ocorrência de três tipos de situação descritos: o uso de duas peças de roupa do mesmo tipo, uma sobreposta à outra; a posse de roupas levadas pelo escravo ao fugir,

80 *Gazeta de Notícias*, 10 de outubro de 1876, p.3.

além daquelas vestidas pelo mesmo no ato da fuga; a existência de outras peças de vestuário acondicionadas em outro lugar, diferente daquele originário da fuga.

A sobreposição de roupas de um mesmo tipo é denunciada nos anúncios como uma forma de vestuário tanto masculino quanto feminino, o segundo em menor número, explicitamente descrita:

[dezembro de 1821]: Fugio no dia 15 do passado mez de Novembro hum negro de Nação Cabinda, de idade de 20 a 22 anos, ainda sem ponta de barba, estatura ordinária e rosto redondo, olhos brancos, [...], estava vestido de huma camizolla de lã, calça de algodão groço, e por dentro desta outra de ganga, e jaleco de cazemira preta, tudo já uzado, e levou consigo hum barril próprio para agoa [...].⁸¹

[dezembro de 1821]: No dia 10 de Dezembro do corrente fugio huma negrinha de Nação Libola, por nome Roza, com dous vestidos no corpo já uzados, hum de zuarte azul e outro de riscadinho miúdo cinzentos, quem achar ou della tiver notícia, dirija-se a caza N^o 107 da rua da Ajuda que receberá a paga do seu trabalho.⁸²

[janeiro de 1850]: Fugio no dia 24 do corrente um preto de nome Antonio, de nação Benguella, levou vestido calça de algodão azul e jaqueta preta, costuma andar com duas calças vestidas, é barbado, tem no pé direito o tornozello sahido para fora e os dedos para dentro, e tem cara de poucos amigos; quem o pegar e o levar á rua da Cadeia n. 47, será gratificado.⁸³

Qual seria o motivo, finalidade ou justificativa para o uso de calças e vestidos sobrepostos? Um número suficiente de anúncios que descrevem situações como estas nos leva considerar tal atitude como uma prática usual dos escravos. Porém, não são fornecidas informações relevantes que possibilitam contextualizar tal prática, relacionando-a seja ao exercício de alguma atividade ou ofício específico, seja a um determinado grupo, ou grupos, de origem, entre outros aspectos. O motivo, ou os motivos, que levavam um escravo a adotar tal prática, pode, talvez, não serem de todos elucidados. Conjeturas à parte, essa prática não está necessariamente associada ao ato da fuga, tendo em vista que foi registrada pelo fotógrafo Christiano Júnior ao retratar um escravo carregador.⁸⁴ Poderia estar diretamente relacionado à posse de

81 **Diário do Rio de Janeiro**, 03 de dezembro de 1821, p.8.

82 **Diário do Rio de Janeiro**, 13 de dezembro de 1821, p.40.

83 **Diário do Rio de Janeiro**, 30 de janeiro de 1850, p.4.

84 AZEVEDO, Paulo César de; LISSOVSKY, Maurício, op. cit., p. 45.

roupas, como um recurso adotado pelos escravos de guardar/resguardar itens pessoais de vestuário à sua pronta disposição.

Assim como estas, outras ocorrências registradas nos anúncios podem distinguir participações efetivas dos escravos na composição de sua visualidade através do ato de vestir-se. Ao focar esta perspectiva avalio e relaciono dados que revelam informações sobre práticas de vestuário dos escravos, selecionando e reproduzindo, literalmente e em itálico, expressões descritivas conforme situações específicas identificadas.

- Sobre a posse de roupas

Conforme pode ser verificado nos anúncios anteriormente relacionados, a existência de roupas, além daquelas usadas pelo escravo no momento da fuga, surge quando são registradas possibilidades de troca, com a denúncia da posse de outros itens de vestuário além dos usados pelo escravo ao fugir, sejam levados no momento da fuga ou guardados em outro local. Além dos dados descritivos sobre formas, tecidos e cores, que foram incluídas no levantamento já realizado de cada década trabalhada, a existência de outras formas de vestir, também é denunciada através de um repertório recorrente de expressões como

levou consigo várias roupas; levou bastante roupa para mudar; levou um saco com muita roupa; levou uma porção de roupa; entre outras roupas levou; levou diversa roupa; também pode ser encontrado com; costuma mudar de vestuário; pode ser que mude de roupa; levou consigo toda a sua roupa; consta que quando foge muda alguma roupa; não se pode dizer os trajos porque consta te-los mudado; é provável que mude de traje e de nome; como o mesmo tenha posto quase toda a roupa fora, pode muito bem aparecer vestido com qualquer outra; não se dá trajos porque tem roupa fora.

Com ou sem a explicitação descritiva das roupas existentes, disponíveis para a mudança de vestuário, estes registros, e outros semelhantes, devem ser considerados

no âmbito das oportunidades diferenciadas de acesso a itens de vestuário, tanto na qualidade quanto na quantidade de peças de roupa e acessórios.

[dezembro de 1821]: Fugio a escrava ainda rapariga de nome Maria Joaquina, de nação Conga, estatura baixa gorda, cara larga, bexigoza, nariz chato, beijos grossos e grandes, [...], já foi vista com vestido de chita cor de ganga e baeta preta de panno, porém pode ser que mude de vestuário porque levou mais em hum cestinho coberto com um pano da Costa. [...].⁸⁵

[março de 1850]: Fugiram duas escravas, de nação Moçambique, [...] de vestido de riscadinho azul e com uma gamela de roupa de homem e de mulher [...] a outra parda [...] levou uma trouxa de roupa com dois vestidos feitos, um de chita de xadrez branco, roxo e encarnado ou de riscos roxos, um cor de roza e outro de riscado americano azul, estes cortados e por fazer [...].⁸⁶

[janeiro de 1855]: Fugio da rua do Sabão n. 130, no dia 29 de dezembro, uma escrava parda acaboclada de nome Constância, grossa de corpo, feia de rosto, desdentada [...], levou camisola de chita já usada, porém é natural ter mudado por haver fugido com toda a roupa em uma trouxa [...].⁸⁷

[janeiro de 1855]: Fugio, na rua das Violas n.132, um crioulo de nome Silvestre, com officio de ferreiro, da 25 a 30 annos, de estatura regular, com as maçãs do rosto mais salientes, gosta de andar asseiado, levou paletós e calças brancas em um embrulho, e no corpo a sua roupa de trabalho, camisa de algodão e calça azul, com um boné na cabeça e levou também tamancos nos pés com que sempre anda; quem o apprehender e levar ao número acima, ou der notícias certas, receberá boas alviçasas..⁸⁸

Sem considerar os meios de obtenção das roupas – ganhas, trocadas, roubadas ou compradas -, ter mais ou menos roupas, usadas ou novas, ter roupa para trabalhar ou outras ocasiões; usar ou não calçados, são dados que ultrapassam o âmbito puramente descritivo. Devidamente avaliadas estas e outras informações encontradas nos anúncios indicam o ato de vestir-se de homens e mulheres escravizados que, mesmo submetidos a condições impostas pela escravidão e subordinados às vontades

85 **Diário do Rio de Janeiro**, 28 de dezembro de 1821, p.?.

86 **Diário do Rio de Janeiro**, 07 de março de 1850, p.4.

87 **Jornal do Comercio**, 01 de janeiro de 1855, p. 4.

88 **Jornal do Comercio**, 01 de janeiro de 1855, p. 4.

de seus senhores, encontravam formas para atuar na composição de sua visualidade, fosse por motivações estéticas, culturais, ou funcionais, entre outras questões.

- Sobre formas de uso e combinação

Neste ângulo de análise são detectadas e avaliadas informações que apontam participações dos escravos no ato de vestir-se com a adoção de determinados itens e acessórios de roupa. Nesse sentido, formas de uso e combinação de elementos constituintes de vestuário descritas nos anúncios são apreendidas enquanto *roupa com corpo*, resultado da ação e atuação daquele que *as veste*, ou melhor, daquele que *se veste*, ou seja, do *escravo vestindo*.

Conforme pode ser verificado através dos vários exemplos até agora apresentados, o potencial de fonte documental dos anúncios de fugas para a apreensão de práticas de vestuário dos escravos compreende o confronto e a comparação das várias formas de vestir apresentadas. O cotejo das informações dos trajes descritos possibilita enxergar diferenças, contrastes e nuances existentes, que se dá através da análise da quantidade, da qualidade e das diferentes modos de combinação, de peças e acessórios que compunham as roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos.

Antes de empreender análises dos anúncios nesta perspectiva de enfoque, valho-me do estudo de Marshal Sahlins sobre o vestuário como um sistema cuja produção de sentido se faz com a seleção e arranjo de unidades elementares, cores, texturas, cortes e modelos de peças e acessórios e suas combinações, incorporando mudanças, compreendendo diferenciações.⁸⁹ De acordo com Sahlins “a vestimenta como um todo é uma manifestação, desenvolvida a partir da combinação específica de partes de roupas e em contraste com outras vestimentas completas”.⁹⁰

Roupa em qualquer cultura é um ativo, individual e variável meio de comunicação, pelo qual categorias e princípios culturais são codificados e manifestos.⁹¹ Ela comunica quando membros de um contexto sócio-cultural aprendem a associar tipos de roupas aos usos habituais oferecidos. A combinação de elementos do vestuário é, portanto, uma parte fundamental da criação de mensagens

89 SAHLINS, Marshall, op. cit.

90 Id. *ibid.*, p. 200.

91 Ver MCCRACKEN, Grant, op. cit.

de vestuário. Através dessa associação, certos tipos ou itens de roupa simbolizam pertencimento a grupos ou classes sociais específicos.

É nesse aspecto que embaso minhas investigações de anúncios na expectativa de avaliar as apropriações de vestuário que os escravos efetivamente realizavam, detectando diferentes modos de vestir com a improvisação e adaptação de elementos disponíveis. No ato de vestirem-se os escravos compensariam elementos distintivos, com substituições e acréscimos que permitiriam manifestar definição de papel/posição social, facilitação em rituais sociais, reforço de crenças, costumes e valores, entre outras atuações simbólicas do vestuário.⁹²

Além de *coletes*, *paletós*, *jaquetas*, *casacas* e *sobrecasacas*, os anúncios apontam que os escravos também acrescentavam acessórios ao conjunto de vestuário masculino básico composto por *calças* e *camisa*. *Chapéus*, *gravatas*, *cintos* e/ou *lenços* complementavam formas/tipos variantes na das roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos, que deixam passar as escolhas diferenciadoras feitas por escravos diante de possibilidades de acesso a roupas.

[setembro de 1821]: No dia 10 de Setembro fugio do Armarinho na rua da Ajuda No 28, hum moleque por nome Francisco, Nação Moçambique [...] levou vestido, calças de ganga azul, jaqueta de chita branca hum chapéu envernizado na cabeça, este moleque costuma a estar vendendo [...].⁹³

[setembro de 1821]: [...] o escravo Sebastião, pertencente a Bernardo José da Gama, brasileiro, mulato, filho de Minas, bastante alto e bem proporcionado com princípio de barba, tem todos os dentes adiante, um pouco amarelos e muito miúdos, olhos pequenos [...] levou várias calças e camisas, também levou libré azul com gola encarnada e hum chapéu de copa oleado com galão de prata [...].⁹⁴

[fevereiro de 1850]: [...] escravo de Nação Caçange [...], foi vestido de calças brancas de brim, paletot de panno preto ainda limpo e chapéu ordinário de palha.⁹⁵

[fevereiro de 1876]: Fugio o pardo Domingos, mais alto que baixo, magro, sem barba, com um leve buço, e de 19 annos. É muito conhecido na freguezia da Glória, e

92 FOSTER, Helen Bradley, op. cit.

93 **Diário do Rio de Janeiro**, 18 de setembro de 1821, p.111.

94 **Diário do Rio de Janeiro**, 26 de setembro de 1821, p.167.

95 **Diário do Rio de Janeiro**, 25 de fevereiro de 1850, p.4.

96 **Gazeta de Notícias**, 03 de fevereiro de 1876, p.?

levou fraque azul, que lhe deve ser comprido e largo, foi calçado e levou chapéu alto molle de feltro preto [...].⁹⁶

O uso do chapéu pode ser verificado nos anúncios pelo registro de sua presença no conjunto de vestuário descrito e também nos casos em que é dito que o escravo fugiu *sem chapéu*. Quando explicitado o seu uso, é possível verificar que não existiam modelos específicos de chapéu, podendo ser de diferentes materiais e assumir diversos aspectos. Os tipos de *chapéu* variavam nas formas, materiais, texturas e cores: *de lã, de palha, de sola, de couro, de feltro, de pello de lebre, de feltro preto, preto de pello, alto molle de feltro preto desabado, palha sem abas, envernizado, branco, redondo de copa baixa, desabado, chapéu de Chile, francês de seda*.

Assim como ocorreria com outros itens de vestuário, fatores econômicos e sociais restringiriam as possibilidades do escravo adotar o uso de *chapéu* por gosto, apreciação estética ou estilo, o que pode ser corroborado pela variedade de tipos e modelos usados pelos escravos, conforme as descrições apresentadas nos anúncios. Tendo na devida conta esta questão, é admissível supor que o uso do *chapéu* pode ser relacionado aos significados simbólicos de distinção ou pertencimento social que imprimiria ao vestuário masculino. Nesse sentido cabe remarcar as análises anteriormente realizadas sobre a presença do chapéu no vestuário escravo masculino conforme duas representações imagéticas do fotógrafo Christiano Júnior. Porém, não se deve excluir a idéia de que outros fatores orientassem os escravos no ato de se vestir como preferências por determinado modelo, cor ou material, fosse chapéu ou outro item de vestuário.

Junto com o *chapéu*, outras duas peças de roupa masculinas usadas para cobrir a cabeça, *boné* e *carapuça*, aparecem nos anúncios das décadas de 1850 e 1870, respectivamente. Entre estas destaco a presença da *carapuça*, tendo em vista o aspecto peculiar deste gorro de forma cônica, ou semi-esférica, na indumentária negra masculina, examinado quando analisadas as representações imagéticas do Debret, II.7 e 10, e Christiano Junior, II.33, 34 e 37. O uso desta peça deve ser considerado no

âmbito da expressão material de usos e costumes étnicos africanos na manifestação individual e/ou coletiva de vinculações culturais e religiosas.

Assim como o *chapéu*, o *lenço*, com menor incidência, é outro item do vestuário escravo masculino detectado em anúncios nas três décadas trabalhadas. As alterações proporcionadas pelo acréscimo do lenço ao conjunto de vestuário masculino são apresentadas conforme as seguintes formas de uso: *lenço amarrado ao pescoço*, *lenço amarrado na cabeça*, *lenço amarrado no braço*, *lenço amarrado na cintura*.

A ausência de outros dados, como tamanhos, tipos e tecido ou cores, restringe a possibilidade de qualificar de maneira mais efetiva o uso deste acessório de vestuário masculino. O que era reconhecido como *lenço* nos anúncios poderia ser uma faixa de tecido usada de diferentes formas no corpo e com diferentes propósitos, como um código visual demarcador de distinção cultural ou religiosa. Também poderia ser usada para com finalidades práticas, inclusive esconder marcas da escravidão, como cicatrizes de castigos, ou tatuagens e escarificações étnicas que pudessem ajudar a identificar o escravo fugido. Outra questão que deve ser levada em conta é que, assim como fitas ou peças de vestuário de determinadas cores em particular eram usadas nas roupas como sinal de pertencimento a *maltas* de capoeiristas, o *lenço*, ou a faixa de tecido, na devida cor, amarrado ao corpo também poderia ter a mesma função.⁹⁷

Se nos voltarmos para os documentos iconográficos, ao contrário do número reduzido de citações do *lenço* nos anúncios, representações imagéticas realizadas no decorrer do século XIX mostram a presença significativa de faixas de tecido no vestuário masculino escravo, usadas conforme as formas descritas nos anúncios de fuga.⁹⁸

Ao nos voltarmos para os anúncios de fuga femininos, *xales*, *lenços* e *panos-da-costa* fazem parte das formas de vestir de escravas nas três décadas trabalhadas. Considerando as devidas proporções entre a quantidade de anúncios e o número de referências destas peças, no decorrer dos períodos pesquisados foi constante a

97 Ver SOARES, Carlos Eugênio Líbano, op. cit., 1994.

98 Consultar Debret, Rugendas e Christiano Júnior, entre outros autores.

presença de *xales*, *lenços* e *panos-da-costa* no vestuário das escravas. Assim, estes tipos de tecido usados pelas escravas variavam nas formas de uso, materiais, texturas e cores:

lenço na cabeça, lenço branco amarrado na cabeça, hum lenço branco na cabeça e outro encarnado amarrado no braço direito;

lenço de chita no pescoço, lenço de chita no pescoço, lenço branco amarrado no pescoço, lenço de seda muito usado no pescoço, lenço branco com lista larga roxa no pescoço, lenço de cassa verde com xadrez branco no pescoço e lenço branco amarrado na cabeça;

lenço de tabaco amarrado na cintura, hum lenço de panno velho na cintura;

lenço de seda, lenço de seda de cor, lenço de seda encarnado e já usado, lenço de chita xadrez com barra encarnada e amarella, lenço roxo com ramos amarells, lenço de seda, lenço azul com ramos encarnados, lenço de seda à bahiana;

chales ou lenço no pescoço, chales grande, chales amarello com listras brancas, chale de lã com ramos roxos, chales escuro já velho, chales de tapete, chales de algodão trançado escuro, chales de lã de xadrez de cores, chalés novo e grande de lã de casemira fina de cores diferentes;

pano-da-costa azul já usado, costuma andar vestida de panno da costa e lenço na cabeça.

Estes elementos eram usados por escravas de diferentes grupos de procedência, ocupações, associados a diferentes qualidades de vestuário e acompanhados de outros acessórios:

[setembro de 1821]: Fugiram dois escravos pertencentes ao Sargento Mór José Pinto da Silva [...] de nome Desidéria, crioula, alta, magra [...] foi vestida com hum vestido azul velho e lenço encarnado na cabeça, e levou hum vestido amarello, [...] a dita costuma vender cosido, e a tarde fazenda para não ser apanhada [...].⁹⁹

99 **Diário do Rio de Janeiro**, 07 de setembro de 1821, p.151.

[setembro de 1821]: Da rua do Conde N° 178 [...] fugio huma preta Mina, por nome Vitória, [...], mais de 30 annos, vestida com hum vestido azul, baeta preta, hum lenço branco na cabeça, e outro encarnado amarrado no braço direito [...].¹⁰⁰

[janeiro de 1850]: Dá-se 20\$rs a quem levar á rua do Ouvidor n. 156 a preta Domingas, Benguella, [...], levou vestido de chaly listado de seda, outro de algodão, camisa do dito e chale de tapete, tudo sujo e velho [...] quando com os outros carregava água [...].¹⁰¹

[abril de 1850]: Fugio huma escrava crioula [...] com hum vesido de chita de cassa amarello e outro de chita em morim, com um cordão de ouro no pescoço e um colar de dito com coral e está sempre com lenço de seda à bahiana, [...].¹⁰²

[março de 1855]: Fugio do becco das Pastilhas [...] huma escrava preta Mina [...] levou um taboleiro com arroz de côco [...], foi vestida de saia e paletot e panno-da-costa [...].¹⁰³

[abril de 1855]: Fugio huma escrava preta de nação Conga, costureira, [...], bem vestida, foi calçada de sapatos e meia, com chale ou lenço no pescoço [...].¹⁰⁴

No caso do *lenço*, quando usado *na cabeça* seria *turbante*, que junto com o *pano-da-costa*, ou *xale*, imprimiriam marcas visuais de origens africanas ao vestuário. Com a manipulação de elementos disponíveis seriam criadas formas de uso que atuariam, efetivamente, como signos de um universo estético feminino eminentemente africano, que distinguiriam entre si grupos étnico-culturais de origem, mesmo quais fossem as características estético-formais de outras peças usadas em conjunto. Os resultados não devem ser considerados como simples reminiscências, mas efetivamente como a organização, associação e recriação de formas de vestuário com a construção de identidades conforme a vivência da escravidão.

Ainda no âmbito da diferenciação de um indivíduo para outros, os adornos pessoais seriam expressões individualistas ornamentação corporal que proporcionariam sentimentos de valor individual e valor social aos escravos.¹⁰⁵ Em

100 **Diário do Rio de Janeiro**, 21 de setembro de 1821, p.151.

101 **Diário do Rio de Janeiro**, 15 de janeiro de 1850, p.4.

102 **Diário do Rio de Janeiro**, 26 de abril de 1850, p.4.

103 **Jornal do Comercio**, 18 de março de 1855, p.3.

104 **Jornal do Comercio**, 05 de abril de 1855, p.3.

105 Sobre a linguagem dos adornos pessoais ver ROACH, Mary Ellen; EICHER, Joanne Bubolz. The language of personal adornment. In: CORDWELL, Justine M.; SCHWARZ, Ronald A. (ed.). **The fabrics of culture: the anthropology of clothing and adornment**. Mouton Publishers: Great Britain,

que pesem as poucas referências a artigos de adorno pessoal, que se restringem às décadas de 1850 e 1870, há de se ter em conta casos de escravas usando jóias de ouro, prata e pedras – anéis, brincos, braceletes e pulseiras - e adornos feitos de contas e fios.¹⁰⁶ A escrava de nação Moçambique, vendedora de hortaliças ao fugir em janeiro de 1850 *levou brincos de ouro com duas figas e dois corações*.¹⁰⁷ Também em 1850, no mês de abril, a já citada escrava crioula fugiu com *um cordão de ouro no pescoço e um colar de dito com coral*. Cinco anos adiante, em março de 1855, foi anunciada a fuga da escrava de nação Mina com *brincos de ouro esmaltado de azul*.¹⁰⁸ Em maio de 1876, uma escrava natural do Rio Grande do Sul, fugiu *usando uma pulseira de missangas e outra de metal no mesmo braço e brincos de pedra preta*.¹⁰⁹

Contrastando com as escravas citadas, que fugiram usando vestido e lenço, em outubro de 1876 foi anunciada a fuga de uma escrava crioula que, ao fugir, estava usando vestido, *botinas de duraque preto*,¹¹⁰ *dois annéis, contendo um a inicial L, circulada de turquesas, e outro de rubina e pérolas e brincos de ouro baixo, levando um guarda-sol preto, com cabo guarnecido de metal*. Ainda segundo o anúncio de sua fuga, *a dita escrava inculca-se forra*.¹¹¹ Interessante observar o fato da escrava se passar por alforriada, condição simulada pela presença de sapatos, mas fortalecida pelas jóias e pelo guarda-sol.

A descrição detalhada das jóias levadas pela escrava, que incluía um anel com uma letra gravada, que não consta ser a inicial do nome da escrava fugida, remete à questão das formas de acesso das escravas a jóias e adereços de valor, que envolveria o furto, conforme denuncia o anúncio da escrava *parda clara* Margarida que ao fugir,

1979, p. 7-19. No estudo em questão os autores desenvolvem uma análise dos diferentes significados que podem ser atribuídos ao uso de adornos pessoais: *como ato estético, como atestação de valor social, como indicador de status econômico, como símbolo político, como indicador de condições mágico-religiosas, como reforço de crenças, costumes e valores, como simbolismo sexual*.

106 Sobre o uso de contas no corpo e no vestuário de africanos e afro-descendentes, ver POKORNOWSKI, Ila. Beads and personal adornment. In: CORDWELL, Justine M. e SCHWARZ, Ronald A. (ed.), op. cit., p. 103-115. Sobre jóias e adereços afro-brasileiros ver LODY, Raul, op. cit. e GODOY, Solange de Sampaio, op. cit.

107 **Diário do Rio de Janeiro**, 29 de janeiro de 1850, p.4.

108 **Jornal do Comercio**, 31 de março de 1855, p.4.

109 **Gazeta de Notícias**, 23 de maio de 1876, p.4.

110 *Duraque* : tecido de lã, seda ou algodão, forte e consistente como a sarja, empregado especialmente em sapatos femininos. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, op. cit.

111 **Gazeta de Notícias**, 10 de outubro de 1876, p.3.

*foi muito bem vestida e levou muita roupa própria e até jóias no valor de 2.000\$rs pertencente a sua senhora moça.*¹¹²

Entre as várias questões que podem ser levantadas a partir dos dados fornecidos, destaco a relevância de dois pontos em especial, diretamente relacionados à discussão dos significados simbólicos das roupas. O primeiro diz respeito a valorações atribuídas às roupas usadas e/ou levadas pelos escravos fugidos, homens e mulheres, com apreciações sobre a aparência do escravo fugido qualificando sua forma de vestir - *veste-se bem, bem vestido, bem trajado, anda bem vestido, traja mais ou menos decente* -. Interessante observar que, em todas as vezes que são apontadas tais características, não são descritas as roupas usadas pelos escravos fugidos, indicando que bastava um escravo estar “bem vestido” para que o mesmo fosse reconhecido em meio a tantos outros escravos. Isto ocorreria através da perspectiva “branca” baseada em diferenças entre o que era usado pelos brancos ricos e negros escravos.

Dessa forma eram demarcadas e reforçadas diferenças entre os escravos, muitas vezes revertidas em proveito próprio, na expectativa de escravos se ajustarem a uma ordem socialmente imposta. Assim, *vestir-se bem* seria uma das formas de dissimulação da condição cativa, cuja diferenciação social dependeria de grupos de referência: estar “tão bem vestido quanto” livres e libertos e estar “melhor vestido” do que outros escravos.

Neste ponto, julgo oportuno recuperar as considerações de Sidney Chalhoub,¹¹³ já apontadas neste capítulo, sobre a existência de escravos na cidade que apresentavam melhores condições de vestuário que outros, muitas vezes similares com as formas de vestir de pessoas livres. Ao tratar a questão do vestuário no âmbito de diferenciações distintivas de condição social dos escravos, em suas observações Chalhoub concorda que por mais que a roupa atuasse como elemento visual que permitisse inferir se um indivíduo negro era escravo ou não escravo, através da manipulação de itens de vestuário os próprios escravos poderiam visualmente separar, aproximar ou confundir condições sociais.

112 *Gazeta de Notícias*, 01 de janeiro de 1876, p.4.

113 CHALHOUB, Sidney, op. cit., 1990.

De fato, quando falamos sobre o aspecto expressivo simbólico que, de uma forma geral é atribuída à aparência, e nela o modo de vestir, na marcação de distâncias e mudanças sociais, para os escravos formas ou itens de vestuário assumiriam uma dimensão crucial como importante requisito e critério de diferenciação e pertencimento social, fosse no interior da população escrava, fosse no conjunto da sociedade escravocrata. Entre os elementos que comporiam o vestuário, nos anúncios de fugas o calçado assume uma dimensão crítica como símbolo de diferenciação social, usado como uma marca visual que efetuaría a transição de uma categoria social para outra, de escravo para liberto.

- *Sobre sapatos*

Ao fugir, o escravo tinha como objetivo sumir aos olhos de seu senhor, passando despercebido em meio a uma multidão de escravos, libertos e livres pobres, cujas distinções visuais se diluíam na “cidade-esconderijo”.¹¹⁴ Porém, por mais propícias que fossem as condições de se passar despercebido na cidade, a liberdade do fugido estava sempre por um fio. Pois por mais ou menos evidentes que pudessem ser marcas visuais discriminatórias que denunciassem um escravo, *não estar* ou *estar* calçado seria um sinal distintivo básico entre escravidão e liberdade. Nesse sentido, a qualidade dos sapatos não seria relevante na base do processo simbólico de um papel social para outro.

Sem aprofundar investigações sobre a origem ou as origens do valor denotativo dos sapatos como símbolo diferenciador básico de estado social na existência cativa, entendo que na escravidão o ato de coibir o uso de sapatos faria parte dos mecanismos de poder e constrangimento utilizados pelos senhores sobre os escravos. Nesse sentido, a partir de uma fonte específica, os anúncios de fugas, meu objetivo é, observar o uso de sapatos no âmbito das escolhas pessoais de vestuário do escravo, na medida em que arranjar sapatos e calça-los seria um dos artifícios usados para confundir-se com livres e libertos que circulavam pela cidade, uma das

114 Id. *ibid.*, p.212-232.

estratégias “dos escravos para que suas vidas se tornassem indiferençáveis em relação às vidas dos homens livres pobres da cidade”.¹¹⁵

Nos três períodos pesquisados foi detectada a possibilidade do uso de sapatos, denunciado nos anúncios através tanto da presença de calçados, especificado o tipo ou não - *foi calçado, anda calçado, anda às vezes calçado, costuma andar calçado, anda sempre calçado, calçado, andava calçado, consta que anda calçado* -, quanto pela ausência, explicitada - *descalço, foi descalço, foi descalço mas está acostumado a andar calçado* -, ou implicitamente denotada através de descrições de detalhes anatômicos e de seqüelas dos pés dos escravos fugidos – *os pés mostram que nunca andou calçado, os pés groços e fortes mostram que nunca andou calçado*

A avaliação realizada mostrou que no decorrer das décadas trabalhadas aumenta a incidência de referências ao uso de calçados pelos escravos fugidos. Na década de 1820, no total de 257 anúncios apenas um, aponta a presença de sapatos no vestuário de um escravo fugido. Nos 302 anúncios referentes à década de 1850, 17 escravos fugiram calçados, sendo nove homens e três mulheres. Na década de 1870, por sua vez, do total de 68 anúncios trabalhados, foram detectados 13 casos de uso de sapatos. Números que, nas devidas proporções comparativas com as décadas anteriores, mostram um aumento significativo da presença de sapatos no vestuário de escravos. Um ponto a ser considerado é que nos três períodos prevalecem registros do uso de sapatos sem informações em relação a tipo, modelo ou material dos mesmos. Nesse sentido, mesmo considerando o objetivo dos anúncios, para o qual bastaria informar que o escravo, ou escrava, que fugiu poderia estar usando sapatos, este fato pode ser observado sob o ângulo da excepcionalidade, no caso, em todos os períodos trabalhados.

Em que pesem outras razões para o uso de sapatos, como proteção e conforto dos pés, na existência cativa, calçar sapatos teria uma significação desejada, o calçado seria um elemento da indumentária que faria a conexão com o mundo da liberdade. O uso de sapatos seria simbolicamente polissêmico, atribuindo ao seu usuário a condição de liberto e dissimulando a sua condição cativa, “ser igual para ser diferente”.

115 Id. *ibid.*, p. 216.

Considerar que andar calçado seria menos por benesse de senhores, do que pela vontade do escravo em dispor de um par de sapatos e usa-los, não significa desconsiderar que, entre privilégios cedidos pelos senhores a escravos, notadamente domésticos, estaria beneficiá-los com roupas extras e/ou facilitando a compra de itens de vestuário, o que incluiria sapatos. Neste ponto volto às afirmações de Sidney Chalhoub citadas no início deste capítulo, quando este contesta que o acesso de escravos a roupas e sapatos seria fruto “da crescente ‘humanidade’ dos senhores nas últimas décadas da escravidão”.¹¹⁶

Parece óbvio que escravos que quisessem passar por livres usassem sapatos, com ou sem conhecimento do senhor. Se os sapatos eram assim tão importantes, é fácil adivinhar que a preta Maria se apresentou calçada a Manoel Alves quando foi tratar o emprego de doméstica se dizendo liberta.¹¹⁷

O trecho anterior exemplifica que a presença de sapatos seria, portanto, um fator realmente significativo na questão escravidão e liberdade, porém o seu uso efetivamente não controlado tornaria difícil assegurar a que uma pessoa fosse escrava ou liberta. Há de se ter em conta que circunstâncias além da vontade dos senhores também restringiriam o uso de sapatos, apontado por autores como artigo de luxo. Da mesma forma como acontecia com outros itens de vestuário, tanto para escravos quanto para livres desprovidos de recursos. O fator custo, se não totalmente impeditivo, limitaria as possibilidades de aquisição de sapatos conforme o tipo e a qualidade - tamancos, chinelos ou botas -, ou o material - madeira, tecido ou couro -.

Por outro lado, registros apontam que a fabricação de calçados na cidade foi bastante desenvolvida desde o início do século XIX. Fato registrado por Debret, impressionado com o número de fabricantes e consertadores de sapatos numa cidade cuja população era feita de escravos que andavam descalços:

o europeu que chegasse ao Rio de Janeiro em 1816, mal poderia acreditar, diante do número considerável de sapatarias, todas cheias de operários, que esse gênero de indústria se pudesse manter numa cidade em que cinco sextos da população andassem descalços.¹¹⁸

116 CHALHOUB, Sidney, op. cit., 1990.

117 Id. *ibid.*, p. 213.

118 DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., p. 280.

Debret lembra que, a partir da transformação do Rio de Janeiro em capital, foi crescente a instalação de oficinas dedicadas à confecção de sapatos, cujos proprietários estrangeiros agenciavam trabalhadores escravos. Ainda de acordo com o artista, que registrou imagetivamente o trabalho de escravos nas oficinas de sapataria,¹¹⁹ muitos escravos de ganho, graças ao aprendizado do ofício, se dedicaram por conta própria à confecção de sapatos.

Mas logo que o Rio se tornou a capital do Reino, aí se instalaram sapateiros e boteiros alemães e franceses, abastecidos com excelentes couros da Europa; como era de se esperar, os trabalhadores negros e mulatos empregados nessas sapatarias logo se tornaram rivais de seus amos e hoje se encontra, nas lojas desses indivíduos de cor, toda espécie de calçados perfeitamente confeccionados.¹²⁰

Como uma das possíveis formas de acesso a calçados, é lícito supor que, se o ofício de sapateiro levou escravos a instalarem pequenas oficinas, este fato, em termos, poderia propiciar circunstâncias favoráveis aos escravos para aquisição de sapatos.

Nos anúncios de fuga, o calçado surge efetivamente como portador de valor simbólico de diferenciação social, como no caso do escravo Francisco, fugido em janeiro de 1850:

Fugio no dia 18 do corrente, da chaacara sita na Ponta do Caju n. 95, um preto de nome Francisco, nação Ganguella, idade 22 anos pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: estatura regular, nariz um tanto arrebitado, algumas espinhas pelo rosto, e uma orelha furada, tem no peito próximo ao estomago, um osso alguma cousa saliente, e anda ás vezes calçado intitulado-se forro, e quando falla com pressa gagueja. Gratifica-se a quem o levar ao n. acima.¹²¹

Não foram descritas as roupas que o escravo Francisco usava quando fugiu. Também não foi descrito o tipo, ou tipos, de sapatos que ele ocasionalmente calçava. Porém, estar calçado é apresentado como um aspecto distintivo para identificar o escravo fugido, junto com outras informações dignas de nota: a sua origem; o nariz

119 Id. *ibid.*, Prancha 29, p. 281.

120 Id. *ibid.*, p. 282.

121 **Diário do Rio de Janeiro**, 19 de janeiro de 1850, p.4.

um tanto arrebitado; marcas físicas - orelha furada, espinhas no rosto, osso saliente no peito-; e gagueira.

Por que motivo, ou motivos, Francisco andava *às vezes* calçado? Para poupar uma peça de vestuário de difícil acesso, guardada para ocasiões especiais, aquelas fora da rotina da vida diária e que valeriam como momentos de liberdade? Momentos em que deixaria de fazer parte de um grupo, dos escravizados, passando para outro, dos livres e donos de suas vidas? Porém, não deveria ser por gosto ou benevolência do seu senhor que Francisco, às vezes, andava calçado *intitulando-se forro*.

Assim como Francisco, outros escravos ao fugir levavam consigo a expectativa de sentirem-se livres, se não para sempre, o maior tempo possível. Para muitos o fato de estar com sapatos, seria um fator a mais para manter, o máximo possível, uma suposta liberdade.

Através dos anúncios, como o de Francisco e outros neste capítulo apresentados, é possível avaliar que o uso de calçados é predominantemente associado à dissimulação da condição cativa do escravo, mesmo sem outras descrições acerca do vestuário. Portanto, para reconhecimento do escravo fugido denunciado, não seria tão importante a qualidade das roupas, ou mesmo dos sapatos, quanto o fato do mesmo estar calçado.

A utilização dos anúncios de fuga como fonte de conhecimento deve estar relacionada a uma tentativa de conhecer um pouco mais sobre os escravos, contudo trata-se de uma amostragem, e como tal revela uma parcela de um universo efetivamente mais amplo. Porém, o conjunto vário e plural de escravos apresentado nos anúncios amplifica seu alcance investigativo, conjugando uma série de informações sobre escravos e escravas que viveram no Rio de Janeiro do século XIX.

4.2

Cultura herdada e experiência vivida nas formas de vestir

Neste ponto eu investigo itens particulares de vestuário usados por escravos privilegiando a observação da roupa como expressão de identidade étnica e cultural. No âmbito de investigação do vestuário enquanto prática adotada pelos escravos de acordo com suas próprias vontades, tenho como objetivo mostrar como estilos

estéticos, concepções e pontos de vista materializados em formas específicas de vestir, formariam ligações com a África. Para uma compreensão mais abrangente do que está sendo tratado considero necessário abordar algumas questões que dizem respeito a matrizes culturais de origem que os africanos escravizados trouxeram para o Brasil.

Uma primeira questão diz respeito a aspectos sobre a escravidão e ao tráfico negreiro africano. Há de se ter em conta que historicamente povos africanos praticavam a escravidão de inimigos vencidos em embates existentes entre diferentes tribos.¹²² A demanda estrangeira por mão-de-obra escrava, com os lucros comerciais provenientes da venda de escravos, fez com que africanos passassem a vender e trocar por mercadorias prisioneiros de guerras entre Estados e indivíduos capturados em tribos de sociedades mais simples de localidades interioranas. Portanto, quando falamos de principais regiões fornecedoras de escravos entenda-se que estas reuniam africanos que eram trazidos de diversas regiões para serem comercializados nas localidades costeiras.

Estudos realizados sobre origens dos africanos trazidos para o Brasil trouxeram subsídios para uma compreensão mais ampla das origens étnicas e culturais dos africanos deslocados para terras brasileiras. Nesse sentido, Manolo Florentino, afirma que “o tráfico atlântico se ligava ao tráfico interno da África, o que tem levado alguns autores a admitirem que a viabilização do primeiro não pode ser entendida sem a existência do segundo”.¹²³

Um segundo ponto a ser levado em conta diz respeito às regiões africanas de origem dos escravos embarcados para as Américas. A África Centro-Occidental foi a principal fornecedora de escravos para o Brasil, que recebeu africanos de duas principais regiões, costa da Mina e da Angola. A costa da Mina ficou assim conhecida por causa da fortaleza de São Jorge da Mina, local onde atuavam traficantes - franceses, ingleses, holandeses e portugueses - de escravos. Para a América portuguesa vieram escravos comercializados principalmente no Golfo do

122 Sobre a escravidão interna africana ver, entre outros autores, SOUZA, Marina de Mello, op. cit., p. 101. Sobre a escravidão e a estrutura social na África ver THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

123 FLORENTINO, Manolo, op. cit., p. 92.

Benin, mas foi de Angola que veio a maior parte. Evitando dizer mais uma vez o que já foi dito a este respeito no capítulo inicial deste trabalho, quero apenas retomar a questão da diversidade de origens que compunha o grande contingente africano que habitava a cidade no século XIX.

Um terceiro ponto a ser considerado é o contínuo fluxo de escravos que chegou a cidade até meados do século XIX, formado por africanos de diferentes “grupos de procedência” e que, ao chegar, eram misturados a outros africanos aqui já estabelecidos e afro-descendentes. Indivíduos com diferentes origens e vivências reunidos pelo convívio e mesma condição social frente à um inimigo comum, a escravidão. Nesse sentido, no processo de inserção social seriam recriados e substituídos elementos culturais pelos africanos e seus descendentes que fizessem sentido nas experiências do cotidiano da escravidão na cidade, e que dessem minimamente sentido à vida fora da comunidade de origem.

Sobre características culturais africanas e mudanças ocorridas no mundo atlântico recorro às afirmações de John Thornton ao afirmar que

primeiro, a cultura africana não era suficiente homogênea para se constituir um único bloco, em vez disso, existiam dúzias, se não mais, culturas independentes. Segundo, o comércio dos escravos tendeu a dispersá-los, agrupando culturas diferentes [...].¹²⁴
[...]

Final, eles (os escravos africanos) estavam em um novo cenário, com um sistema político e econômico diferente. Eles comunicavam-se com pessoas que não compartilhavam sua herança e não eram seus vizinhos na África. A cultura afro-americana tornou-se muito mais homogênea do que as diversas culturas africanas que a compuseram, fundido-as e incorporando a cultura européia. As evidências mostram que os escravos não eram nacionalistas culturais militantes que procuravam preservar toda a sua herança e, sim, demonstraram uma grande flexibilidade em adaptar e mudar sua cultura.¹²⁵

[...]

Os africanos no mundo atlântico tinham um universo muito maior de relacionamento com pessoas de outras nações da África do que a convivência que haviam tido em seus países de origem. [...] Por fim, os escravos africanos interagiam com a cultura européia, que já lhes era um pouco familiar em razão da presença de europeus na África, apesar do que possa parecer à primeira vista. Entretanto, essa interação no Atlântico seria mais numerosa e diferente.¹²⁶

124 THORNTON, John Kelly, op. cit., p. 253-254.

125 Id. *ibid.*, p. 279.

126 Id. *ibid.*, p. 285.

- *Sobre etnicidade e reconstrução de identidades no vestuário*

Roupa é a mais direta mensagem não verbal através da qual uma pessoa se comunica. Item de cultura material de um povo, comunidade ou grupo, permite um ser humano se fazer conhecer como indivíduo em seu próprio grupo e em relação aqueles de outras comunidades. E em um sentido mais amplo, roupa ajuda regular corpos em uma ordem socialmente construída, ela expressa costumes, hábitos e tradições mantidas e interpretadas por diferentes grupos de pessoas vivendo sob mesmas condições sociais.

Durante a escravidão, roupa foi efetivamente usada como um significado para marcar diferenças. Nesse sentido, assim como pessoas brancas demarcaram e reforçaram o sistema escravocrata através das roupas, em muitos casos, escravos fizeram uso de itens de vestuário como forma de subverter propositalmente este sistema, marcando suas diferenças com escolhas pessoais de vestuário. Portanto, na medida do possível, através das roupas mulheres e homens submetidos à escravidão atuaram sobre seus corpos, como um caminho para expressar simbolicamente como percebiam sua participação e existência no contexto da escravidão.

Sobre a investigação do uso itens de vestuário por escravos como expressão de identidade étnica, recorro ao trabalho de Joanne Eicher, realizado na área de pesquisa do vestuário como sistema de comunicação em comunidades africanas.¹²⁷ Segundo ela, muitos estudos sobre relações entre vestuário e expressão de etnicidade apontam casos históricos em que a designação vestuário étnico é visto como vestuário “tradicional”. Esta forma de conceituação equivocada de vestuário étnico indicaria falta de mudança, permanência, ou seja, formas de vestir vistas como transmissoras de heranças culturais sem considerar mudanças no tempo e no espaço que ocorreriam com pessoas, grupos, comunidades e povos.

Admitindo que conceito de etnicidade foge de delimitações ou separações espaciotemporais definidas, a manutenção de fronteiras étnicas simbólicas pode estar baseada na adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais criando novos símbolos de identidade. Nesse sentido, a depender das transformações

127 EICHER, Joanne B. Introduction: dress as expression of ethnic identity. In: EICHER, Joanne B. (Ed.) **Dress and ethnicity**. Berg : Oxford, 1995, p. 1-5.

experimentadas no tempo e no espaço, alguns elementos culturais se sustentam mais do que outros, com mais ou menos alterações na relação entre formas, materiais e conteúdos simbólicos.

Somando tais considerações à investigação proposta – levantar itens e formas de vestuário étnico usados pelos escravos – torna-se decisivo considerar que a cultura africana forneceria elementos aos escravos na sua re-elaboração individual e coletiva de acordo com duas situações: manutenção de vínculos identitários culturais e inserção no novo contexto social oferecido. Um processo que ocorreria conforme as situações a que eram submetidos, de acordo com a livre escolha, e como tentativa deliberada para compor sua imagem. Os escravos seriam, portanto, orientados por diferentes motivos e possibilidades, e com diferentes entendimentos. Há de se ter em vista que nem todos os escravos adotariam roupas ou mesmo itens de vestuário de origens africanas.

Cocheiros, pajens, mucamas e amas-de-leite, sobre os quais o controle seria maior pela proximidade aos seus senhores e sinhás, eram vestidos conforme princípios estéticos branco-europeus vigentes, pois, em certa medida, participavam na “representação” social da casa do senhor. Outros escravos domésticos, menos próximos do ambiente senhorial, receberiam, quando novas, calças, camisas, saias e vestidos confeccionados em modelos e materiais destinados ao vestuário de escravos. Estes, africanos ou afro-descendentes, poderiam até optar, na medida do possível, pelo uso de itens de vestuário que os ligassem às suas origens.

No meio do grande contingente de escravos *de ganho* que circulava pelas ruas da cidade, longe do controle dos senhores e, portanto, com mais chances e oportunidades, existiriam aqueles que escolhiam expressar comportamentos, crenças e valores usando roupas e itens de vestuário de origem étnica. O cotidiano do cativo no Rio de Janeiro tendia, entretanto, a beneficiar a construção de identidades outras que não aquelas impostas pela condição cativa.

Considerando as renovações, apropriações, criações e reformulações ocorridas no tempo e no espaço do contexto da escravidão, algumas formas de vestuário seriam incompreendidas, ou mal compreendidas, por outros, não só aqueles fora da comunidade escrava, mas, também, escravos, africanos recém-chegados e

descendentes. Conforme já apontado, assim como acontece com outros aspectos da vida dos cativos, a investigação de formas de vestir prende-se ao emprego de fontes de informação, registros textuais e imagéticos, provenientes de “olhares” não escravos. Nesse sentido, retomo aspectos já observados no decorrer deste trabalho, na expectativa de subsidiar uma compreensão mais ampla de elementos característicos de práticas de vestuário adotados por escravos.

- *Sobre alguns aspectos da indumentária escrava afro-descendente: turbantes e panos-da-costa*

O retorno à África, buscando referências de grupos de procedência tem sido o caminho trilhado por estudiosos de diferentes áreas na busca por referências que ampliem o entendimento de aspectos da chamada cultura afro-brasileira, na qual se inclui o vestuário. Mesmo assim, significados e origens étnicos de itens de vestuário efetivamente ainda é uma área pouco conhecida, entremostrada através de incursões em diferentes comunidades e grupamentos étnicos africanos.

Ao tratar da pluralidade cultural presente nas formas de vestir de africanas e descendentes no Brasil, o antropólogo Raul Lody afirma que:

O conjunto de tecidos e suas diferentes disposições na formulação dos trajes das quituteiras, quitadeiras ou simplesmente negras de ganho (século XIX) sem dúvida tem muito mais de português do que de africano. Embora a tendência de estudos na área seja de africanizar e com isso, generalizar, não se podem entender estudos de trajes de sociedades complexas que não apresentem a incidência de elementos plurais e de diferentes formas culturais. As roupas das negras de ganho no Brasil do século XIX são projeções das roupas das *vendeiras* portuguesas dos séculos XVIII e XIX, aquelas mulheres que vendiam nas ruas, praças e mercados, principalmente de Lisboa, Porto e Coimbra, [...].¹²⁸

Não diminuindo a relevância de suas considerações, entendo que o autor, ao considerar relações estabelecidas entre África e Portugal, que compreendeu a transferência de centenas de africanos escravizados para cidades como Lisboa e Porto desde meados do século XV, sintetizou e reduziu o que seria um processo de transmissão cultural mais amplo. As trocas culturais decorrentes das relações estabelecidas entre Portugal e regiões da África, deram origem a formas de vestir

128 LODY, Raul, op. cit., p. 44.

femininas que refletiram também no Brasil, mas não originárias de Portugal, mas de grupos de procedência africanos que mantiveram ou mantinham contato com português. Sobre esta questão destaco o trabalho de Silvia Escorel que, ao analisar imagens de trajés negros no Rio de Janeiro no século XVIII, investiga origens e vinculações culturais de formas africanas de vestuário:¹²⁹

Segundo a autora,

A África constitui, há milênios [...] uma “zona de contato”, conceito que é sinônimo de fronteira colonial, ou seja, um espaço social onde culturas diversas “se encontram, confrontam e lutam muitas vezes em relações de dominação e subordinação altamente assimétricas” nesses encontros e confrontos os tecidos e os trajés desempenharam um papel de destaque [...].¹³⁰

Portanto, formas de vestir trazidas para o Brasil pelos africanos reuniam uma série de referências culturais pré-conjugadas, que, por sua vez, foram transformadas conforme uma série de situações, condições e relações estabelecidas no contexto da escravidão no Rio de Janeiro. Pesquisar a transferência de princípios estéticos e simbólicos africanos e sua transformação no Brasil requer certa reflexão. Há de se ter em conta referências de origem, mas também devem ser consideradas a situação dos escravos, suas rotinas de trabalho e as limitações impostas pela condição cativa, que limitariam, ou mesmo, impediriam que os escravos produzissem e desenvolvessem seus modelos de transferência cultural.

Segundo Raul Lody,

ao se falar da presença africana no Brasil, deve-se ampliar essa leitura pra uma verdadeira aculturação de diferentes matrizes culturais da chamada África Negra, [...] essa África que chegou ao Brasil é predominantemente ocidental, numericamente Banto, sofisticadamente sudanesa e fortemente islâmica.”¹³¹

A indumentária tradicional dos principais grupamentos étnicos predominantes entre os escravos africanos trazidos para o Brasil – bantos e nagôs - ¹³² caracteriza-se de uma forma geral pelo uso de três panos, com as mesmas medidas, coloridos e

129 ESCOREL, Silvia, op. cit.

130 Id. *ibid.*, p. 39.

131 LODY, Raul, op. cit., p. 20.

132 Os bantos oriundos de Angola e do Congo, Moçambique e demais países da África central e meridional; os nagôs (ou iorubas), da Nigéria, Benin, Daomé, Costa do Marfim, grupo sudanês aqui predominou culturalmente, no qual estão as origens da indumentária da negra baiana.

enrolados no corpo: um disposto em sentido horizontal paralelamente sobre o peito e preso debaixo do braço; outro colocado sobre os ombros - colocação típica as tribos muçulmanas que viviam no deserto africano, como uma espécie de túnica aberta e solta nas costas presa apenas num dos ombros; o terceiro amarrado em volta da cabeça, com um nó de lado.¹³³

O uso de tecidos enrolados ao corpo e peças coloridas superpostas compõe o vestuário característico dos nagôs, ou iorubas. Na cultura ioruba a roupa é tátil, visual e metafórica, é um importante modo de expressar uma posição na vida - ocupação, instrução, status -, também define, muitas vezes, uma pessoa enquanto membro de um grupo social, religioso ou econômico em uma comunidade. Desta maneira, é expressão externa de participação e responsabilidade social. Quanto maiores e mais volumosos as peças e os tecidos enrolados ao redor do corpo mais solidez e vigor à pessoa, realçando a presença pessoal.

A qualidade estética da roupa também tem uma efetiva participação no papel do vestuário entre os iorubas, porem ela deve estar associada a outros aspectos considerados importantes no vestuário: a funcionalidade e conveniência, ou seja, a roupa tem que atender tanto ao gosto, quanto às necessidades e ao bem-estar de um indivíduo, com decência e distinção. Para o povo ioruba roupa é uma forma de expressão estética, que está associada à lealdade, respeito e compromisso do indivíduo aos ancestrais de sua linhagem, e ao grupo ou comunidade a qual pertence. Daí a significativa importância da roupa em ocasiões e eventos religiosos e seculares, com a determinação de peças de vestuário conforme o ritual, a cerimônia ou o culto.

No processo de ritualização do vestuário os tecidos e as roupas têm a função de realçar e proteger partes do corpo. Para os iorubas, a cabeça – *ori* – por ser o lugar da inteligência do homem, seu destino ou sua fortuna, deve ser apropriadamente ornamentada e protegida. Nos ritos de possessão a cabeça é o lugar onde o espírito de um deus entra no devoto, e por isso ela deve ser devidamente protegida e preparada, descoberta ou coberta, com pinturas, penteados e tecidos. Na maioria dos casos a cabeça é coberta e, ao mesmo tempo, expandida por meio de tecidos enrolados ao seu redor.

133 CARISE, Iracy. **África** – trajes e adornos. Rio de Janeiro, s/e, 1992.

Visando ampliar o entendimento de manifestações de vestuário que refletiriam a associação de heranças culturais à existência no contexto da escravidão, me reportei a estudos etnográficos sobre vestuário na África ocidental. Em relação ao turbante, a sua procedência originalmente africana, e seu uso exclusivamente feminino, são questionados por pesquisadores dedicados ao vestuário africano. De acordo com a pesquisadora norte-americana Helen Bradley Foster “historiadores modernos fazem alusões casuais às origens africanas do turbante, mas eles as fazem sem evidências corroborantes”.¹³⁴

Através de pesquisas com registros e narrativas de incursões realizadas no continente africano Helen Bradley aponta hipóteses sobre o uso do turbante por mulheres africanas na África e nas Américas:

[...] Curiosa para descobrir exatamente quais africanos trouxeram o turbante para as Américas, comecei a pesquisar as primeiras narrativas que descreviam o vestuário de africanos do oeste. A primeira representação pictórica européia de africanos mostra homens usando uma variedade de coberturas de cabeça, incluindo turbantes, por contraste, mulheres estão com as cabeças descobertas e seus cabelos são usualmente mostrados tosados curtos e sem adornos.¹³⁵

Defendendo a introdução européia do turbante em regiões da África, de acordo com Bradley indícios apontam que o uso do turbante por mulheres africanas se tornou popular na costa oeste da África somente no século XIX. A hipótese da autora é que os turbantes passaram a ser usados por mulheres africanas, depois do início da expansão do comércio europeu na África, notadamente na costa da África Oeste, onde seres humanos eram trocados por tecidos e roupas. Segundo a autora,

após ler centenas de relatos, ao contrário dos [...] mencionados argumentos de historiadores que o turbante, como foi usado por mulheres negras na América, é um item africano, eu localizei somente uma referência que oferece certa prova de que

134 FOSTER, Helen Bradley, op. cit., p. 275. Apesar de este trabalho focar o vestuário como um item da cultura material dos escravizados da América, especificamente da região sul dos Estados Unidos, as investigações realizadas pela autora sobre matrizes africanas em regiões da África ocidental atendem a questões sobre formas de vestir dos africanos trazidos para o Brasil. A autora investiga os significados dos tecidos e das roupas na vida social de habitantes da Nigéria Central, região de onde foram trazidos escravizados de cinco diferentes grupos étnicos, entre eles, os Iorubás.

135Id. *ibid.*, p. 276-277.

algumas mulheres oeste-africanas usavam turbantes em meados do século XVII [...].¹³⁶

Adiante, em suas afirmações, a autora continua:

[...] premissas sobre as origens do turbante apontam para uma imposição européia para esse tipo de cobertura de pano nas mulheres da costa da África Oeste. [...] Indicadores históricos e culturais sugerem que o turbante passou a ser um elemento sincrético do vestuário das mulheres da África oeste: uma combinação da “visão de mundo” do africano ocidental com bens materiais europeus [...].¹³⁷

Nas narrativas de viagem sobre o Rio de Janeiro no século XIX, o turbante de tecido branco surge como parte do vestuário de negras, escravizadas ou não, compondo junto com outros elementos um tipo de roupa usado por mulheres africanas de origem Mina, que se destacavam na venda de comestíveis pelas ruas da cidade. Esses critérios de caracterização perpassam o conteúdo mágico-religioso tradicionalmente conferido a essa peça da indumentária feminina africana. De acordo com a pesquisadora de cultura material de povos africanos Elisa Renne, na cultura ioruba o tecido branco, usado ao redor da cabeça, denominado *àki*, induz à possessão espiritual, propiciando visão sobrenatural.¹³⁸

Na ascendência cultural do uso de tecidos enrolados na vestimenta de mulheres africanas, escravas e libertas, o turbante e o pano-da-costa são marcas quase que unânimes em textos e imagens produzidos durante o século XIX sobre a escravidão no Rio de Janeiro, apresentados como elementos identitários e simbólicos eminentemente africanos eleitos como “típicos” do Rio de Janeiro negro no vestuário feminino. Se nos voltarmos para documentos imagéticos, encontramos inúmeras imagens – desenhos, gravuras, fotografias – que registram, isoladamente ou em cenários, mulheres negras, escravas ou libertas, portando turbantes e panos-da-costa de diferentes tamanhos e amarrações. Conforme visto no capítulo anterior, registros textuais e imagéticos associam estes itens de vestuário a determinadas origens africanas e classificações sociais generalizantes em apreciações de cunho estético aspectos onde o formal predomina sobre o significado.

136 Id. *ibid.*

137 Id. *ibid.*, p. 279.

138 RENNE, Elisha P., *op. cit.*, p. 22-31.

Em suas raízes o vestuário de origens africanas reúne religiosidade, hierarquização social e estética, simbolicamente reunidos no turbante, junto com o pano-da-costa, ou o xale. Porém a manipulação de seu uso no contexto da escravidão no Brasil teria alterado não só características materiais, tipos de tecidos, cores e formas, mas também significados de seu uso, adaptados a questões climáticas, sociais e culturais. Estudos dedicados a aspectos da cultura afro-brasileira apontam o turbante como uma herança que carregava mistura de influências mulçumanas, iorubanas, e européias, conjugadas ainda em solo africano e transportadas para o contexto afro-brasileiro.

Quando nos reportamos aos anúncios de fugas, especialmente das décadas de 1820 e 1850, encontramos referências ao uso de *lenço* e nenhuma alusão ao uso de *turbante*. Entendo que, na prática do uso de panos/tecidos dispostos na cabeça observada nestes anúncios deve ser considerada a adoção do *turbante*, que por extensão genérica seria identificado como *lenço*, assim como o *xale* em relação ao *pano-da-costa*, outro elemento destacável na investigação de aportes africanos no vestuário de mulheres escravas e libertas.

Ao retomarmos registros imagéticos de Debret tratados no capítulo anterior, II.9, 14 e 15, verificamos a diversidade de cores, tamanhos e formas de arranjo destes dois tipos de uso de tecidos por mulheres africanas. Em II.15, *Enterro de uma negra*, Debret representa uma variedade infinita destes tecidos, que conforme o tamanho e a forma de uso podiam ser identificados como *turbantes* ou *lenços*, *panos-da-costa* ou *xales*, a depender da interpretação e do nível de entendimento do observador sobre tradições africanas. Paralelamente, aquelas que faziam uso destas formas de vestuário adotavam tais variações conforme seus gostos, preferências, necessidades e possibilidades.

O pano-da-costa seria mais do que um elemento decorativo e, conforme suas cores e formas de arranjo ao corpo, ele reuniria funcionalidade - proteção e abrigo, para a mulher e para o filho -; significação social e religiosa - enquanto marca de pertencimento comunitário e reverência cultural; - e estética - com as variações acentuadas que a diversidade de seu uso imprimia à figura da mulher. De acordo com os diversos propósitos que teriam em mente, africanas, escravas ou libertas, usavam o

pano-da-costa de maneiras também diversas: colocado ao redor dos ombros ou mesmo dobrado sobre o ombro direito, enrolado e amarrado ao redor dos quadris ou abaixo do busto, amarrado ao corpo envolvendo e sustentando o filho às costas. Empregar o pano-da-costa seria mais do que se entregar à simples prática de seu uso, traduziria um sentimento de fidelidade ao passado.

A expressão pano-da-costa é reconhecida nos estados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, regiões que por mais tempo e com mais intensidade estabeleceram relações diretas com a África, com a entrada de escravos e de mercadorias. Documentos iconográficos registram o uso do pano-da-costa no Brasil colonial e no decorrer do século XIX.¹³⁹ Ao pano associa-se a expressão “da Costa”, assim como demais produtos de uso popular importados da costa da África, muito embora, assim como os tecidos, a origem de alguns dos produtos ditos provenientes “da Costa” seja controversa. A princípio, era estendida a denominação pano-da-costa a todos os tecidos importados da África, qualquer que fosse a sua aplicação.

Segundo Silvia Escorel,

Identificado como um dos elementos básicos do comércio da África ocidental do século XVII a XIX, o pano da Costa teria sido nesse período um dos mais caros e cobiçados dos têxteis. Negociados em toda a costa africana, esses panos coloridos foram também um dos produtos mais procurados pelos comerciantes libertos do Brasil para atender à demanda dos negros aqui exilados. [...] o pano da Costa produzido na África era montado de modo a ser capaz de embrulhar uma pessoa adulta. Já no Brasil, por causa do custo elevado, foi usado sobretudo como xale, pano de cintura ou turbante. Outra de suas funções – dos dois lados do Atlântico – era carregar crianças às costas [...].¹⁴⁰

No Brasil o pano-da-costa é composto de tiras de tecido medindo de quinze a vinte centímetros de largura cada, costuradas umas às outras pelas orelas e seu tamanho oscila entre 1,70m e 2m de comprimento e 0,90 e 1,20 de largura. Tradicionalmente confeccionado em teares artesanais em padrões geométricos,

139 Ver MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de, op. cit.

140 ESCOREL, Silvia, op. cit., p. 55-56.

combinando cores variadas e texturas de diferentes fios e fibras têxteis – algodão, seda, rafia, entre outros materiais.¹⁴¹

Porém as formas de uso do pano-da-costa foram restringindo seu uso e valor até a limitação ao xale, que incluía a sua confecção com outros tipos de tecidos disponíveis ao consumo, alterando ou mesmo perdendo os significados de forma e cor. Com o tempo foi reduzido o uso cotidiano desta peça de vestuário e a manifestação de seus significados de origens africanas através da adoção desta peça de vestuário ficou restrita aos tempos espaços das festas, celebrações e cultos religiosos.

De fato, o turbante e o pano-da-costa, assim tradicionalmente caracterizados na história, formam o conjunto exemplar no imaginário da formação cultural afro-brasileira quando observadas formas de vestir. Porém, a exemplo destes, no contexto de apropriações e recriações culturais outros elementos de ascendência étnica seriam adotados pelos escravos nas suas formas de vestir, uns mais evidentes, outros menos. Seja pela escolha pessoal de preservação de vínculos ancestrais, seja pela resistência a imposições culturais do branco, a manifestação de preferências, gostos e crenças através de suas roupas foi uma das formas adotadas pelos escravos africanos de encontrar sentido e alento necessário para uma nova existência imposta pela condição cativa.

141 Sobre a origem, a confecção, as características materiais e simbólicas, e as formas de uso e apropriação do pano-da-costa na África e no Brasil, ver ESCOREL, Silvia, op. cit.; TORRES, Heloísa Alberto. Alguns aspectos da indumentária crioula baiana. In. **Cad. Pagu** [on line] July/Dec 2004, n.23, p.413-467; LODY, Raul. **Pano da costa**. Cadernos de Folclore n. 15, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/FUNARTE, 1977.